PUBLICAÇÃO TRIMESTRAL . ANO IV . N.14 . JUL/AGO/SET 2007

CARIOQUICE

PUBLICAÇÃO TRIMESTRAL . ANO IV . N.14 . JUL/AGO/SET 2007

"há muito tempo nas águas da Guanabara"

apud João Bosco e Aldir Blanc

Kid Cavaquinho

o dom da esperança equilibrista

CARIOQUICE

Alegria é plantar mais de 21 milhões de mudas na Mata Atlântica.

NEOGAMA/BBH

Alegria e *Cirque du Soleil* são marcas registradas de propriedade do Cirque du Soleil e usadas sob licença. • Foto: Thelma Vilas Boas • Figurino: Dominique Lemieux © 2007 Cirque du Soleil Inc.

Patrocinador exclusivo

ALEGRIA
CIRQUE DU SOLEIL.

Parte dos recursos obtidos com a comercialização de produtos do Bradesco é revertida à Fundação SOS Mata Atlântica.

Bradescompleto

Bradesco

www.bradesco.com.br

as encostas do Rio

Esquina do Ricardo

O Rio de Janeiro sempre foi saudado como a raríssima cidade em que morros e montanhas quase que tocam o bordado de suas praias e lagoas. Acode-me até registrar a frase eloqüente que ouvi ser emitida pelo escritor John Dos Passos ao visitar a cidade lá pelo começo dos anos 60: "Eu nunca vi tamanho coito de belezas naturais com essas encostas verdes fecundando o mar."

O assunto de agora aqui são as encostas do Rio, o ponto crucial de sua beleza e também de sua definição como cidade-mulher, como a ela se referiram os poetas Orestes Barbosa e Noel Rosa.

Pois bem, essas encostas, que abrigavam uma luxuriante Mata Atlântica, vêm sendo ocupadas indevidamente. E não é de hoje. O que espanta é a sistematização da destruição.

E, por favor, não venham com a desculpa esfarrapada de que as encostas estão sendo habitadas e a Mata Atlântica depredada porque a crise social é grave e impõe esse resultado. O que me parece claríssimo é que se deveria defender a integridade da cidade e construir bairros populares para essa legião de desabrigados.

Eu, por exemplo, acompanhei nos anos 80 - 90 o nascimento de duas ou três casinhas em cima do Cemitério S. João Batista. A cada ano, as casas se multiplicavam em progressão geométrica. Hoje são inamovíveis, apesar de todos os problemas graves que elas carregam no seu bojo, como o lixo que desce delas e a própria segurança das pessoas, ameaçadas pelas enxurradas em seus barracos. Como inamovíveis são as dezenas de favelas que botaram abaixo 80% da Mata Atlântica no município do Rio.

A desordem urbana que permitiu a proliferação das favelas nas encostas cariocas aumentou geometricamente dos anos 70 para cá. A tal ponto que os historiadores cariocas Gastão Cruls e Vivaldo Coaracy pouco registraram o fenômeno do crescimento delas nos seus livros "Aparência do Rio de Janeiro" e "Memórias da cidade do Rio de Janeiro", editados em 1965.

Gastão Cruls dedica às favelas cariocas apenas meia página das 1.103 de seu belo "Aparência do Rio de Janeiro". E cita apenas, além da Mangueira, as seguintes favelas do Rio nos anos 60: morro do Querosene, morro do Salgueiro, Pindura-saia, Formiga... E só.

SUMÁRIO

CARIOQUICE

Nº 14 JUL/AGO/SET 2007

É som, é sal, é mar

4 João é a festa do sol

14 Um anjo meio blues

20 Brazilian music
by the book, ô xente!

Magia do Olhar

24 Rio que te quero verde

Do bem comer e melhor beber

34 Salete, Mosteiro e Lisboeta,
os "empadachins" do Rio

Causos & Letras

40 Xexéo, além da alma

Cidade maravilhosa

48 Com vocês, Mr. Canecão

56 Da cor da felicidade

60 Réquiem para um menino solar

66 O Rio que toca no céu

Pitaco

74 A imperatriz infeliz,
Titília e a doce Amélia

56 Canto de uma cidade fêmea
e suas paisagens curvilíneas

Embaixador do Rio

84 Meu querido Rio
Por José Luiz Alquéres

LEI DE INCENTIVO À CULTURA
MINISTÉRIO DA CULTURA
INSIGHT
BANCO BMG

EXPEDIENTE

DIRETOR
Ricardo Cravo Albin

DIRETORA-ASSISTENTE
Maria Eugênia Stein

EDITOR RESPONSÁVEL
Luiz Cesar Faro

EDITORA EXECUTIVA
Vera de Souza

REPÓRTER
Kelly Nascimento
Mônica Sinelli
Ilan Bar
Júlia Santhiago

ARTE
Marcelo Pires Santana
Paula Barrenne de Artagão

FOTOGRAFIA
Adriana Lorete & Marcelo Carnaval

PRODUÇÃO GRÁFICA
Ruy Saraiva

REVISÃO
Rubens Sylvio Costa

CAPA
Adriana Lorete

CONSELHEIROS E AMIGOS DE CARIOQUICE

- Afonso Arinos de Mello Franco
- Amaro Enes Viana
- Ana Arruda Callado
- Anna Letycia
- Boni
- Celina Borges Torrealba Carpi
- Chico Caruso
- Cícero Sandroni
- Claudia Fialho
- Darc Costa
- Eva Mariani
- Everardo Magalhães Castro
- Francis Hime
- Henrique Luz
- Jaguar
- Jerônimo Moscardo
- João Maurício de Araújo Pinho
- Joaquim Ferreira dos Santos
- Jorge Goulart
- José Louzeiro
- Lan
- Lélia Coelho Frota
- Leonel Kaz
- Lilibeth Monteiro de Carvalho
- Lucy Barreto
- Luiz Antonio Viana
- Luiz Carlos Barreto
- Luiz Carlos Lacerda (Bigode)
- Luiz Cesar Faro
- Lula Vieira
- Marcelo Carnaval
- Marcílio Marques Moreira
- Marcos Faver
- Maria Beltrão
- Mário Priolli
- Martinho da Vila
- Nélida Piñon
- Neville d'Almeida
- Noca da Portela
- Octávio Melo Alvarenga
- Oduvaldo de Azevedo Braga
- Olívia Hime
- Oscar Niemeyer
- Paulinho da Viola
- Paulo Fernando Marcondes Ferraz
- Paulo Roberto Direito Menezes
- Philip Carruthers
- Raphael de Almeida Magalhães
- Rosiska Darcy de Oliveira
- Ruy Castro
- Verônica Dantas
- Vivi Nabuco
- Wagner Victer
- Wanderley Guilherme dos Santos
- Zelito Viana
- Ziraldo

REDAÇÃO E PUBLICIDADE
Insight Engenharia de Comunicação & Marketing

RIO DE JANEIRO
Rua Sete de Setembro, 71 / 14º andar · RJ ·
Cep 20050-005 · Tel: (21) 2509.5399 · Fax: 2516.1956
email: insight@insightnet.com.br

SÃO PAULO
Rua Sansão Alves dos Santos, 76 / 7º andar · Brooklin · SP ·
Cep 04571-090 · Tel/Fax: (11) 5502-3844
email: clementeinsight@uol.com.br

www.insightnet.com.br

Carioquice é uma publicação do
Instituto Cultural Cravo Albin (ICCA)
Av. São Sebastião, 2 Cobertura · Urca
Cep 22291-070 · Rio de Janeiro, RJ · Tel: (21) 2542.0848
email: icca@veloxmail.com.br
www.dicionariompb.com.br

www.carioquice.com.br
Email: carioquice@carioquice.com.br

DICA DA CASA:

ECOEFICIÊNCIA E SUSTENTABILIDADE. VOCÊ NUNCA IMAGINOU QUE ISSO TUDO PUDESSE VIRAR ASSUNTO DE BAR.

Além da qualidade da sua bebida, a AmBev também tem outra preocupação: o meio ambiente. Até porque não tem coisa mais importante para uma empresa que visa sempre fabricar os melhores produtos do que preservar a natureza. É de lá que saem as matérias-primas da sua cerveja, dos seus refrigerantes e até a sua água. E foi pensando no futuro que hoje a AmBev é considerada uma empresa-modelo em gestão ambiental, com índices grandiosos em ecoeficiência: a Companhia é referência mundial na utilização de água, consumo de energia e reaproveitamento de resíduos industriais. Por isso ela também investe em projetos como a Recicloteca, um dos maiores centros de informações e estudos sobre reciclagem e meio ambiente da América Latina. E não pára por aí: a AmBev também desenvolve um Programa de Consumo Responsável que incentiva a lei que proíbe vender bebidas para menores de idade e uma campanha que alerta sobre os riscos de beber e dirigir. Os resultados estão aparecendo e o orgulho da Gente AmBev não pára de crescer. Se o desafio é a atuação responsável, estamos desafiando o desafio.

AmBev

João é festa do sol

por **Vera de Souza**

Caía a tarde, e o violeiro – meio mineiro, meio Rio de Janeiro –, que cantou Betinho e Carlitos em um misterioso Cubanacã, nos faz jorrar de prazer. João dedilha pra lá de Babá, pra cá de Ali, e a cidade vira colorido brinquedo, pedra do mar, Babalú de Dakar. Um violão de onomatopéias sonoras. João, Xangri-lá, queremos ser 1001 para você.

Chegamos à sua casa, na Gávea, num sábado ensolarado. A vista do Morro Dois Irmãos é deslumbrante. João nos recebe e logo na entrada da casa mostra orgulhoso as quatro bandeiras que exibe no hall: a de Minas, a do Rio de Janeiro, a do Brasil e, claro, a do Flamengo. Em seguida, seguimos num verdadeiro *tour* que culmina com o escritório, onde Ângela, sua mulher, ocupou todas as paredes com fotos que contam a trajetória pessoal e profissional do artista.

A foto de família, onde estão João e suas cinco irmãs, ainda crianças, rende uma boa prosa. João é o sexto filho de dez que seus pais, Daniel Mucci, libanês, e a mineira Maria Auxiliadora, tiveram. "Meu pai era um árabe completamente desacreditado na praça. Já tinha tido cinco filhas e nenhum homem e isso na cultura árabe pesa. Então, quando nasci foi motivo de muita celebração. Minha mãe conta que minha casa ficou repleta de amigos libaneses e afins, já que a colônia árabe é muito grande em Ponte Nova. A partir daí, meu pai passou a andar empinado", ri.

O pai, já falecido, só não brilhou mais nos campos de futebol porque a família achava melhor que ele continuasse os estudos e ficasse à frente dos negócios. Mas os diplomas e medalhas que lhe foram conferidos, quando jogava no Pontenovense, comprovam que ele foi uma promessa no futebol e chegou até a receber convites de grandes times. Tricolor fanático era amigo do goleiro Castilho, do Fluminense. João lembra que, em criança, viu muitos dos grandes times cariocas jogando em Ponte Nova. E como todo garoto, começou a colecionar álbuns de figurinhas.

"Nessa época eu devia ter uns 10 anos e minha vida era muito musical por conta da família. Além dos saraus lá de casa, onde minha irmã tocava piano eu ouvia muita coisa no rádio, depois na vitrola das minhas irmãs, além dos discos da casa de um amigo que tinha uma verdadeira coleção

"Um dia estava tocando violão, parei e fui até a janela da frente olhar o Dois Irmãos, a rua, o silêncio. De repente vejo um tamanduá dentro da minha casa. Eu pensei, putz, já estou começando a ver tamanduá"

de Elvis Presley. E eu sou flamenguista por causa do Elvis!" (risos).

O que aconteceu é que uma das figurinhas mais difíceis do álbum de futebol era a do jogador Dida. No dia que João conseguiu a tal figurinha viu que ele tinha um topete igual ao do Elvis. Pronto, virou flamenguista! "Eu falei, Elvis joga no Flamengo!!! Vou torcer por esse time. Só depois descobri que Dida era alagoano", conta rindo.

O primeiro contato com a música, João não sabe precisar. Lembra, no entanto, que a casa era musical, desde a avó Amoun, que entoava cantos árabes quando da visita dos amigos, numa forma de lembrar as origens. Da irmã mais velha, Auxiliadora, que é pianista e hoje tem um coral, até ganhar um violão dessa mesma irmã e começar a tocar.

"Minha música tem um pouco do estilo árabe. Até digo que tem alguma entidade do oriente que me acompanha (risos). E isso fica explícito em "Agnus Sei", a primeira música que gravei no disco de bolso do Pasquim (o disco de 1972, tinha no lado A, Tom Jobim lançando "Águas de Março)".

A parceira com Aldir Blanc, que começara há menos de três anos, já tinha rendido mais de 30 músicas. E João destaca essa química que sempre existiu entre os dois. "A gente sempre teve uma grande intuição um com o outro. Na letra de "Agnus Sei" estão lá os minaretes, os aríetes, dominus, dominium juros além. Ele percebeu tudo."

Mas as influências também vêm do samba, do romântico do Caribe, do xote, do baião, como ele observa. "Eu misturava Elvis Presley, Noel, Caymmi, Dilermando Reis e muitos sambas que ouvia meu pai cantar. Curioso é que nunca via meu pai escutando rádio, mas todas as vezes que ele voltava das viagens de negócios ao Rio, cantava uns sambas que eu acompanhava no violão. Acho que ele aproveitava as viagens e dava umas escapadas para a velha Lapa. Então, minha formação musical foi muito solta", recorda.

Ainda na adolescência, aos 16 anos, João se mudou para Ouro Preto para concluir o segundo grau e depois fazer faculdade. Foi lá que cursou engenharia civil, sem nunca ter pegado o diploma. "Teve uma época, depois de 15 anos no Rio, que passei por umas crises, um período de escassez de idéias e isso era acompanhado de pesadelos recorrentes. Sonhava que eu estava na faculdade, que meus colegas iam adiante até se formarem e eu ficava parado lá no primeiro ano. Achei que o pesadelo era porque eu não tinha pego o diploma. Liguei para o diretor da escola e marcamos de nos encontrar num restaurante. E ele levou um ex-professor de geometria analítica — matéria que nunca entendi e nem sei como passei nesse troço. Bom, o professor ainda me deu um livro da dita matéria de presente e disse 'você era uma pessoa tão talentosa!'. Expliquei ao diretor o que se passava e ele respondeu que isso não seria problema, pois falaria com o reitor para eu ter meu diploma. Mas observou 'não sei se isso vai ser suficiente, porque sou diretor da escola e tenho esses mesmos pesadelos.'" (risos).

O primeiro ano de faculdade, de fato foi perdido, mas para João da melhor maneira possível. Fato que ele deve a Vinícius de Moraes e que diz nunca ter conseguido pagar.

Desde que chegara à cidade, vivia com um violão para baixo e para cima e já havia montado um quarteto que se apresentava em bares e escolas. Daí para procurar Vinícius, que freqüentemente se hospedava por lá, foi um pulo. "Fui com um amigo, o Paulo César Pavanelli, ao Pouso do Chico — Rei, onde ele ficava. O Vinícius costuma ir para lá se recuperar, tomar seu chazinho. E ele era aquela pessoa que não amedrontava ninguém. Permitia que todos batessem à sua porta e entrassem. Disse que queria lhe mostrar umas músicas e ele logo abriu uma garrafa de uísque e pediu para eu tocar. Toquei um samba que tinha feito e ele disse

Atendendo ao pedido do Conselho de Clientes, aqui está o anúncio para divulgar que no Unibanco tem um Conselho de Clientes.

O Unibanco foi construído ouvindo o que os clientes têm a dizer, e só um banco assim poderia ser o primeiro a criar um conselho formado exclusivamente por eles. Desde 2005, o Conselho de Clientes reúne-se trimestralmente com nossos diretores para apresentar sua visão crítica sobre o que o Unibanco precisa fazer para ser um banco ainda melhor. Uma idéia tão boa que o próprio Conselho sugeriu que fosse divulgada. Todo ano é escolhido um novo grupo de clientes que deixaram sugestões, críticas ou reclamações na nossa Central de Atendimento. Quer fazer parte? Ligue, dê sua contribuição e você poderá ser chamado.

Conheça mais sobre o Conselho de Clientes do Unibanco: acesse o site www.unibanco.com.br/conselhodeclientes. Para dar sua contribuição, ligue 4002-0030 (capitais e regiões metropolitanas) ou 0800-7223030 (demais localidades).

UNIBANCO
Nem parece banco.

que era bom. Pediu outro, toquei. Mais outro e eu vi que não tinha mais nada para mostrar. Naquela época eu tocava as coisas dos outros, ainda não estava atento para esse lance de compor. Precisava que alguém me chamasse a atenção para isso. Naquele dia tive uma certeza, a minha vida ia ser música. Passei a estudar e, claro, perdi o ano por freqüência."

Naquela noite as duas músicas deram samba. Um Vinícius letrou na hora, o "Samba do Pouso", que João gravou com Os Cariocas no songbook do poeta. A outra (Rosa dos Ventos) receberia letra de Torquato Neto um pouco mais tarde. A partir desse encontro Vinícius o adotou. "Ele passou a falar de mim para as pessoas aqui no Rio, passava notinhas para os jornais. Essa generosidade eu nunca vou conseguir retribuir."

Ainda nesse período, Vinícius apresentou João ao pintor Carlos Scliar, que tinha uma chácara em Ouro Preto. "Os dois resolveram me adotar e o Scliar viria a ser meu padrinho de casamento. Foi na sua casa, que era um *point* na cidade, que conheci Baden Powell, Sideny Miller, Paulo Afonso Grisolli, o pessoal do grupo Corpo, Maysa Matarazzo — com quem depois fiz uma temporada na boate Igrejinha. Nessa época eles me convidaram para vir ao Rio, para passar as férias."

Foi o que João fez e seguiu rigorosamente as instruções do poeta. Chegar à rodoviária, pegar um táxi e dizer que queria ir ao Leblon pela praia. João conta que chegou numa hora em que a noite ainda não havia terminado e a manhã não tinha nascido, de tal forma que quando pegou o táxi a luz estava mudando. Duas coisas marcaram a sua chegada. Algumas portas que faziam movimentos que ele não soube definir se eram de abertura ou fechamento e a outra, quando viu a praia. "Quando vi aquele mar, entendi de forma inevitável, o que era a Bossa Nova. O espírito de tudo aquilo. Até então, eu ouvia as pessoas falando, escutava as canções e ficava na fantasia. Como ficava na fantasia quando via os filmes da Atlântida, com suas imagens do Rio, os clipes dentro dos filmes de Cauby Peixoto, Francisco Alves, da musa Eliana."

De 1967 em diante, todas as férias de janeiro e julho, seriam passadas aqui. Definitivamente, só viria a morar na cidade em 1973. Mas mais um capítulo importante dessa saga estaria por acontecer. Em 1969, João estava tocando em Ouro Preto, quando alguém se aproximou. Era Pedro Lourenço, que estava passeando na cidade. "Acabei de tocar e ele disse: 'Cara, tenho um amigo lá no Rio que pra essas coisas que você está fazendo ele ia botar umas letras bem bacanas'. O amigo era Aldir Blanc, que veio me encontrar em Minas e começamos nossa parceria. Isso eu digo que faz parte da religiosidade, das vibrações. É coisa de santo. Como um cara aqui do Rio, de Vila Isabel, vai encontrar um cara lá de Ouro Preto, completamente barroco. Como isso acontece?'"

Pouco depois, Pedro e Aldir chegaram a Minas e João levou-os para casa de sua mãe, em Ponte Nova. João mostrou as músicas que tinha feito "Agnus Sei", "Bala com Bala" e "Angra". Aldir botou as três no gravador e levou. A partir daí, foram muitas correspondências, cartas e fitas que seguiam de um lado para o outro. Nessa época além de estudante de medicina, Aldir tocava tumbadora. Em 1972, quando gravaram o disco do Pasquim já tinham 30 composições juntos. "Chegamos a ter um duo e depois uma banda, onde Aldir tocava percussão. E o primeiro show que fizemos aqui no Rio, e que pouca gente sabe, foi no Colégio São José, na Tijuca. Tocamos duas músicas de Ray Charles."

Um ano antes de se mudar definitivamente para o Rio, um novo e marcante encontro. Dessa vez com Elis Regina. Por meio de Ziraldo, João e Aldir foram procurar a Pimentinha no Teatro da Praia. Ela estava às vésperas de estrear um show e tinha

agora um novo pianista, César Camargo Mariano, com quem mais tarde se casaria. "Naquela época Elis estava fascinada pelo Milton (Nascimento). Tinha acabado de gravar 'Canção do Sal' e me recebeu muito bem, dizendo que 'se é de Minas já estou gostando'. Então o Milton foi meio que meu cartão de visitas. Mostrei algumas músicas e, de imediato ela falou para o César: essa eu quero no show de segunda. Era "Bala com Bala". E as outras que ouviu ali já gravou no ano seguinte".

O ano de 1972, sem dúvida, foi definitivo para João, quando também conheceu Luizinho Eça, que o levaria para RCA Victor. "Um ano antes de vir para o Rio eu já tinha um contrato com a RCA Victor, graças ao Luizinho Eça que me apresentou ao Rildo Hora. E em 1973, gravei meu primeiro longplay, com arranjos do Luizinho e do Rogério

"Minha música tem um pouco do estilo árabe. Até digo que tem alguma entidade do oriente que me acompanha (risos). E isso fica explícito em "Agnus Sei", a primeira música que gravei no disco de bolso do Pasquim (o disco de 1972, tinha no lado A, Tom Jobim lançando 'Águas de Março')"

Duprat. Me formei, casei com Ângela e viemos morar aqui."

O primeiro pouso do casal foi no Jardim Botânico e depois a Gávea, onde estão até hoje. Com Ângela, que é nascida no Rio, mas criada em Ponte Nova, tiveram dois filhos. João conta que conheceu o Rio tardiamente, mas que é um amante da cidade, embora para ele Ponte Nova continue a ser aquela coisa drummoniana, as referências para toda a vida.

Habituado a acordar mais tarde, João diz que a Gávea é o lugar perfeito, pela tranqüilidade e pela possibilidade de poder observar a natureza de perto. Conta que em sua casa é freqüente a entrada de tucanos, pássaros e até de animais mais inusitados, como porco-espinho e tamanduá. Aliás, o tamanduá já rendeu um boa história que mostra a forte ligação com o amigo Aldir. "Um dia estava tocando violão, parei e fui até a janela da frente olhar o Dois Irmãos, a rua, o silêncio. De repente vejo um tamanduá dentro da minha casa. Eu pensei, putz , já estou começando a ver tamanduá. O telefone tocou e eu vendo o tamanduá. Entra uma mensagem na secretária eletrônica do Aldir: 'João, ta tocando violão ou está vendo tamanduá?" (risos).

Sem dúvida, curte a cidade com toda intensidade, das caminhadas do Leblon ao Arpoador nos fins de tarde, quando não está viajando, e é o momento em que "deixa o pensamento sair com liberdade", aos cinemas, que adora, as livrarias e seus ótimos cafés e quando está no Centro no circuito das artes plásticas e dos espetáculos — Paço Imperial, CCBB, Centro Cultural Correios, Casa França-Brasil, MAM, Teatro Municipal, Sala Cecília Meireles —, não deixa de passar no Nova Capela para comer um javali com um bom chope. E na Zona Sul, os restaurantes preferidos são o Da Brambini, o Árabe, ambos na Avenida Atlântica, e mais recentemente a pizzaria Braz, no Jardim Botânico. "O Rio é muito generoso em todo o tipo de programação", avalia.

Depois de várias parcerias com Chico Buarque, Belchior, Torquato Neto, Waly Salomão, Antônio Cícero e muitos outros, há alguns anos vem se dedicando a compor com seu filho Francisco. E tudo aconteceu de uma forma muito natural, como ele conta: "Eu ia fazer um segundo disco com o Waly e o Antônio Cícero. Na época como Waly era descendente de sírios e eu de libaneses, o Antônio é do Piauí e dizia para deixá-lo fora disso (risos), eu estava ouvindo muitas músicas árabes. Nesse meio tempo houve um entrevero entre os dois. Foi-me sugerido que fizesse um disco com um ou com outro. E eu não queria. Nessa época o Chico ainda morava aqui em casa e uma madrugada eu estava tocando e ele desceu e perguntou: 'E aí, cara, como é que você vai fazer? Eu tenho ouvido você tocar essas coisas e conheço o repertório todo. Perguntei se ele queria tentar e ele disse que sim. Aí fizemos 'Enquanto espero acontecer', 'Califado de Quimeras' e um samba que eu adoro, 'Cora, minha viola'. E quando vi o disco estava pronto. É o 'Mil e uma aldeias'. Depois fizemos 'Na esquina' e 'Malabaristas no sinal vermelho'. O próximo disco

também terá composições dele, além das de Nei Lopes, de Aldir e Abel Silva."

Na fase atual depois de uma longa parceria com Aldir que foi de 1970 a 1982 e, a partir daí menos intensa até 1986, João e Aldir voltam a compor juntos. "Na verdade a gente está sem pressa, já pegamos muito no violão juntos. O melhor, agora, é o que estamos fazendo: curtindo. O Aldir é o melhor contador de histórias que conheço. Se um de nós três aqui contar uma mesma história e o Aldir contá-la, vira outra coisa e fica muito melhor. Nós temos uma coisa de irmãos e isso é muito forte. E as coisas que faço com Aldir parecem feitas por uma pessoa só."

Para encerrar João revela uma história inédita: uma parceria que fez com Paulinho da Viola e que ele diz ser uma coisa que dificilmente se verá na música popular brasileira: "fizemos 13 pontos na loteria esportiva". Isso foi em 1980, quando João e Paulinho tinham uma editora em sociedade, chamada Saci, que reunia Aldir, Edu Lobo e outros mais. Nesse dia os dois saíram de uma reunião em Copacabana, meio duros, como era comum na época. "Paulinho, vascaíno e eu, flamenguista, aí resolvemos fazer um jogo da loteria. Entramos no meu carro, um Corcel 76 e começamos a marcar o volante, só que combinamos antes: Flamengo e Vasco a gente marca triplo para não ter problemas. O resto fomos chutando, como no Milan x Real Madrid. Fomos à loja de um amigo dele, perto da onde Paulinho morava na galeria do cinema Veneza. E Paulinho disse, não bota no meu nome que eu estou numa maré terrível. E eu falei, no meu também não. Eu nunca ganhei nada na vida que não tivesse que correr atrás. E ele falou também não bota no nome da Lila (mulher de Paulinho). Então, vamos botar no nome da Ângela que dá uma sorte danada. Nisso eu fui para Cuba passar 15 dias, a convite do Chico Buarque para o Festival de Varadero. Paulinho ficou aqui com o jogo. Estava vendo televisão e começou a corrigir e ele conta que quando chegou lá pelo décimo jogo e estava tudo certo, ele começou a ficar nervoso. Onze doze, quando chegou a treze , ele pirou. E eu lá em Cuba sem saber de nada. Quando cheguei ao Rio, minha irmã disse que ele já tinha deixado não sei quantos recados. A verdade é que fazer 13 pontos com Paulinho é fazer 13 pontos duas vezes!"

Hall da Fama

Durante dez meses deste 2007, o Instituto Cultural Cravo Albin, com apoio da Repsol YPF e Discos Biscoito Fino, instituiu o Sarau da Pedra, uma noite de consagração aos mais importantes músicos brasileiros. O primeiro homenageado, que teve sua placa colocada na pedra, foi João Bosco, em março. Em uma noite mágica, tendo como cenário o Pão de Açúcar, os clássicos de Bosco, "Mestre sala dos mares", "Bala com Bala", "Tiro de Misericórdia", "Kid Cavaquinho", "Papel Machê", "O bêbado e a equilibrista", entre outras, ressoaram na Mata Atlântica na interpretação magistral do saxofonista Zé Carlos Bigorna e do grupo Conexão Rio.

Um anjo meio blues

por Mônica Sinelli

Dentro dela mora um anjo e quem a vê assim cantando... só com muitas juras secretas para descobrir o que esconde seu coração ateu, que, cá para nós, de ateu nada tem: está impregnado de transcendências e de luzes divinas, tocado que é pelos mais lindos deuses da arte que escolheu e por quem foi escolhida. Cariocas, mineiros, uni-vos! É vossa – e, que ninguém nos ouça – de todos os brasileiros, essa artista singular, feminina, plural.

Sueli Costa, homenageada pelo Sarau da Pedra em noite comovedora dentro do Instituto Cravo Albin, não precisou de passaporte para entrar no nosso gosto musical. Suas músicas, quem não as conhece até duvida de que elas possam ter sido composta um dia. Além do timbre de voz, letras e melodias, vale a pena conhecer detalhes de uma história de vida que bem poderia inspirar uma canção.

"Nasci no Rio, mas fui muito novinha, com 3 anos, para Juiz de Fora. Acho que só vim aqui para nascer mesmo. Minha família é toda de Minas, meu pai e minha mãe são de Visconde do Rio Branco, na Zona da Mata. Nós éramos cinco irmãos, todos de Juiz de Fora, menos eu, que sou da Tijuca. Mas não posso me considerar uma carioca, de jeito nenhum. Agradeço a Deus por ter nascido no Rio, sou feliz aqui, mas tenho uma formação toda de Minas," esquiva-se, muito mineiramente, claro, essa compositora iluminada, que há quatro décadas vem descrevendo uma viagem intimista ao som do mar profundo do Rio e à luz do céu de Minas.

Carioca, mineira, não importa. A terra verdadeira de Sueli Costa pertence ao mundo sem fronteiras da música, onde se fala a língua universal, o esperanto mágico que todo o mundo entende. "Minha mãe era professora de música, ensinou em todos os colégios da cidade, além do Conservatório. Foi ela que me deu a música de presente. Fui alfabetizada com 5 anos de idade, mas aos 4 já aprendia piano com ela. Meus irmãos todos tocam, todos são compositores. Minha irmã mais nova, Telma Costa, já falecida, gravou 'Eu te amo' com Chico Buarque. A filha dela, Fernanda Cunha, também é cantora e fez a produção do meu novo CD, 'Amor blue'.

Todos os sábados e domingos, a casa desse povo louco por música era ponto de encontro não

só de artistas amadores, como de figuras ilustres que passavam pela cidade, que iam de Otto Maria Carpeaux a Carlos Heitor Cony, do Tamba Trio a Chico Buarque. "Eu tocava piano; violão era uma coisa do quarto dos rapazes, brinca Sueli com um dos versos de "Música, Música", parceria dela com Abel Silva. Um dia, eu estava vendo televisão e apareceu Silvinha Telles cantando. Aquilo me deu um...pá! e fui para o quarto dos meninos, porque a televisão ficava na sala e o piano também. Peguei o violão deles e a primeira música apareceu,"O balãozinho". Eu tinha 17 anos."

Ao descobrir-se como compositora, Sueli começou a participar dos célebres festivais de Juiz de Fora, em que muita gente boa pôs o pé na profissão. Chegou até a ensaiar alguns passos na direção da advocacia, mas a estréia se deu mesmo na música. "Eu estudava Direito e era muito amiga do Sidney Miller e do Guarabira, que iam sempre para Juiz de Fora.

Uma vez, em 1970, vim passar um fim de semana na casa do Guarabira aqui no Rio. Estávamos conversando na sala, e eu disse: `Vou arrumar minha mala, que amanhã parto cedo. E ele disse: `Você não vai embora, não, vai ficar morando aqui. Vou fazer um musical e quero você nele.` O espetáculo era "Alice no país divino-maravilhoso", escrito por gente como, além de Guarabira e Sidney, Paulo Affonso Grisolli, Marcos Flaksman, Luiz Carlos Maciel e Tite de Lemos, que acabou sendo meu parceiro. A estréia foi no histórico Teatro Casa Grande, no Leblon."

A futura autora de "Jura secreta", "Dentro de mim mora um anjo"e "Meu coração ateu", entre outras filigranas da MPB, começou a "mandar o Lima" (gíria do meio musical para quando um músico não comparece a um show, ensaio ou gravação) na Faculdade. Foi morar no famoso Solar da Fossa,

"Uma vez, em 1970, vim passar um fim de semana na casa do Guarabira aqui no Rio. Estávamos conversando na sala, e eu disse: `Vou arrumar minha mala, que amanhã parto cedo. E ele disse: `Você não vai embora, não, vai ficar morando aqui. Vou fazer um musical e quero você nele.` O espetáculo era "Alice no país divino-maravilhoso"

onde hoje é o shopping Rio Sul, por onde passaram candidatos ao estrelato como Gal Costa, Paulinho da Viola, MPB-4 e Caetano Veloso, que na época estava indo para São Paulo e deixou vago seu quarto para Sueli. Ela conta que a grande visão ao voltar a sua cidade foi a do mar de Copacabana. "A praia naquela época ia longe...Fui ver um show no Beco das Garrafas, que reunia o fino extrato musical do Rio, e foi uma emoção bem forte."

Sua primeira música gravada foi "Por exemplo", em parceria com João Medeiros, na voz da musa da bossa-nova Nara Leão. Depois, Maria Bethânia cantou de cara três músicas suas no show "Rosa dos Ventos" e Elis Regina deixou seu imbatível registro da intrigante "Vinte anos blue". "É engraçado como essa música me liga aos jovens. Tenho recebido muitos e-mails de jovens e essa canção é campeã entre eles. Gente de 20 anos que a ouviu pelos pais, diz: `Essa música é a minha vida!` Isso é quase toda semana. Tem muita gente nova nos meus shows. A minha sobrinha, cantora, morre de rir, porque em meus shows têm mais jovens do que nos dela."

Sueli lembra que a canção que conserva um misterioso frescor ao longo do tempo começou a ser feita numa viagem de Juiz de Fora para o Rio, que na época era longa — durava quatro horas e meia. "A música veio passando na minha cabeça e fiquei com medo de esquecê-la. Resolvi, então, fazer uma letra até chegar aqui, como um jeito de não perder a melodia. Naquele tempo, eu estava compondo muito com o Victor Martins. Mostrei a música para ele e disse para jogar fora a letra. Mas ele falou `Não, não, está ótimo`! E fez a segunda parte da letra."

Daí em diante, escreve-se o universo particular de Sueli Costa, um mundo de delicadezas que desenham o equilíbrio perfeito entre a sofisticação harmônica e a sensibilidade das emoções cotidianas. Nada nela sobra e também nada falta. E, ao mesmo

tempo, tudo jorra, transborda, num improvável, mas bem-sucedido casamento entre a precisão do ourives e o instinto indômito do desbravador.

Aos 64 anos, 40 dos quais dedicados a tornar a vida no Brasil mais bonita, Sueli tem a serenidade dos que sabem que estão em missão bem cumprida. "Fui gravada pelos grandes cantores brasileiros. Isso é uma benção. Para comemorar essas quatro décadas de carreira, resolvi fazer um disco em que convidei as três cantoras que mais me gravaram esse tempo todo: Bethânia, Simone e Nana. Tenho um imenso carinho por elas, que são como minhas irmãs. Ficamos meio parentes, a música nos uniu." Além das três irmãs musicais, Sueli chamou para compartilhar as 12 jóias do CD "Amor blue" a sobrinha Fernanda Cunha, Celso Fonseca e Daniel Gonzaga.

Nesse disco, a carioca que hesita em ser considerada como tal — mas é carioca, sim, senhora! — dá provas de carioquice explícita na canção-título, em que fala da "lua inteira mirando a Lagoa", onde costuma caminhar.

Moradora do bucólico bairro do Jardim Botânico há 27 anos, é nesse seu reduto que ela gosta de tomar chope com o parceiro Abel Silva, numa adega da Rua Lopes Quintas. "É um botequim fuleiro, mas que tem uma parte atrás que dá para a gente conversar. Eu gosto de tudo na cidade, o Rio é muito bonito e eu não tenho medo de nada, sabe? Essa coisa de assalto...não ando fantasiada de rica nem nada. Gosto da noite, meu parceiro mais novo, o Luis Sergio, trabalha aqui e mora em Juiz de Fora, então a gente se encontra no Diagonal, no Leblon...Então, tá, Sueli. Lá vai ela e pensa que não é carioca...

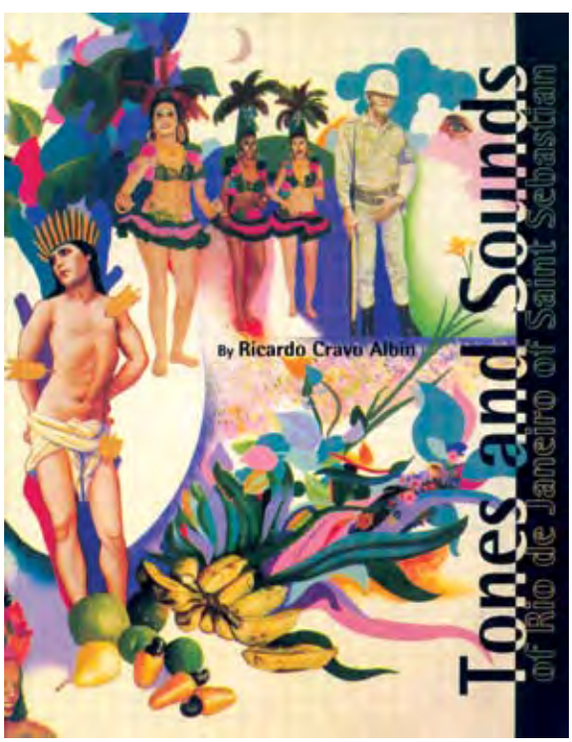
"Fui gravada pelos grandes cantores brasileiros. Isso é uma benção. Para comemorar essas quatro décadas de carreira, resolvi fazer um disco em que convidei as três cantoras que mais me gravaram esse tempo todo: Bethânia, Simone e Nana"

FUTURO
TECNOLOGIA, VÍDEOS, INTERATIVIDADE, IMAGINAÇÃO. E VOCÊ ACHANDO QUE MUSEU SÓ TINHA COISA DO PASSADO.
Dentro do Oi Futuro existe um museu diferente de tudo o que você conhece: o Museu das Telecomunicações. Um espaço de vivência e interatividade onde você interfere no tempo através de vídeos, sons, textos e imagens, fazendo da sua visita uma experiência única e individual. Do telefone com ph ao celular, das antenas aos satélites, internet, transmissão de voz, dados e imagem, o museu abre a cada dia o maravilhoso mundo das telecomunicações para você.
Rua Dois de Dezembro, 63 - Flamengo. Tel.: (21) 3131-3070.
De terça a domingo, das 11h às 17h. Entrada franca.

Brazilian music in book, ô xente!

O Tio Sam está querendo conhecer a nossa batucada. Seja feita a sua vontade. É só juntar o som do pandeiro ao conhecimento de Ricardo Cravo Albin e adicionar uma pitada de sotaque inglês. O resultado? O livro "Tones and Sounds of Rio de Janeiro of Saint Sebastian", primeira obra sobre a história da música do Rio editada na língua de Shakespeare, cuja capa é de Glauco Rodrigues.

"O projeto e a idealização foram do embaixador Jerônimo Moscardo, presidente da Fundação Alexandre de Gusmão", conta Ricardo Cravo Albin.



O Departamento Cultural do Itamaraty, liderado pelo embaixador Paulo César Vasconcelos, abraçou a idéia de imediato, ao ver a possibilidade de que a música popular carioca, matriz da própria música produzida no Brasil inteiro, fosse incensada em nível internacional.

O prefácio é assinado por dois ministros de Estado: Celso Amorim, das Relações Exteriores, e Gilberto Gil, da Cultura. Ambos não poupam elogios ao trabalho de referência desenvolvido pelo Instituto Cultural Cravo Albin no resgate e sistematização de fontes da música popular do país. "Este trabalho representa uma amostra da riqueza cultural do Brasil. (...). Desta forma, é com grande satisfação que o Ministério de Relações Exteriores associa-se à publicação desse livro, como parte de seu esforço contínuo de exaltar e disseminar a cultura brasileira nacional e internacionalmente", escreve Amorim.

Para Gil, Ricardo Cravo Albin se supera com "Tones and Sounds of Rio de Janeiro of Saint Sebastian", passeando de maneira deliciosa pelos

Aracy de Almeida, do subúrbio carioca para o Brasil

Carmen Miranda, do Rio para o mundo

gêneros musicais que embalaram a alma carioca e cativaram todo o Brasil. "O livro do Ricardo é mais um trabalho importante de resgate e preservação daquilo que faz de todos nós brasileiros".

Não é a primeira vez que o Itamaraty e o Instituto trabalham em parceria. O Ministério das Relações Exteriores já havia encomendado ao Instituto um site bilíngüe contando a história da MPB para a Embaixada do Brasil em Londres. O portal foi inaugurado pelo então titular da missão diplomática na capital inglesa, o hoje chanceler Celso Amorim. Posteriormente, o Ministério das Relações Exteriores editou o livro "Texts from Brazil", com CD produzido pelo Instituto Cultural e distribuído em todas embaixadas do Brasil no exterior.

Agora, além de ser um presente pessoal que o presidente da república oferecerá a dignatários estrangeiros, o Itamaraty enviará o livro capa-dura "Tones and Sounds of Rio de Janeiro of Saint Sebastian" para as embaixadas mundo afora investirem na qualidade e na universalidade da MPB. O embaixador Jerônimo Moscardo, autorizado pelo secretário-geral do MRE, embaixador Samuel Pinheiro Guimarães, já está negociando o lançamento no exterior. Por hora, sabe-se que acontecerá simultaneamente em Washington e Nova Iorque, nos Estados Unidos. Pela procura das embaixadas, a obra — com tiragem inicial de mil cópias — ganhará nova edição ainda neste mês.

"Tones and Sound of Rio " apresenta a música popular brasileira através de um passeio pela própria história do país e pelos gêneros musicais carioca. O percurso proposto ao leitor obedece à seguinte trajetória: do período colonial, o lundu; o Império está representado pela modinha; o choro e a Belle Époque da Primeira República; o nascimento do samba; os áureos anos 30; a dor-de-cotovelo do pós-guerra; a euforia do carnaval; a batida diferente da Bossa Nova; a volta do samba nos anos 70; a música de protesto no período da ditadura; a alegria dos festivais e movimentos contemporâneos como rap e funk.

O livro vem acompanhado de um mimo: o DVD "Sinfonia do Rio", considerado o presente do

Chico Buarque, Geraldo Vandré, Elis Regina e Gilberto Gil

Para o ministro da Cultura, Gilberto Gil, Ricardo Cravo Albin se supera com "Tones and Sounds of Rio de Janeiro of Saint Sebastian", passeando de maneira deliciosa pelos gêneros musicais que embalaram a alma carioca e cativaram todo o Brasil

Estado do Rio de Janeiro para a celebração dos 500 anos do descobrimento do Brasil, em 2000. A dobradinha não é aleatória. O livro é inspirado na Sinfonia do Rio de Janeiro de São Sebastião, espetáculo apresentado naquele ano no Theatro Municipal do Rio de Janeiro. Idealizada por Cravo Albin e regida por Francis Hime, a iniciativa reuniu nomes como os cantores Lenine, Zé Renato, Leila Pinheiro, Olívia Hime e Sérgio Santos, além dos letristas Geraldinho e Paulo César Pinheiro, duas excelências na poética popular.

A Sinfonia do Rio foi considerada pelo escritor Ruy Castro, em matéria no jornal O Estado de S. Paulo, como o DVD mais estimulante para se amar, ter saudade ou ir conhecer o Rio. "As letras também são inspiradíssimas, e com elas seus autores, já donos de pesado currículo, se inscrevem entre os melhores cronistas da cidade. É um primor de edição (a cargo de João Paulo Carvalho), intercalando as imagens de palco com tomadas do Rio, aéreas ou não, e dando à música um contraponto visual de tirar o fôlego", observa Ruy Castro.

A versão em inglês de "Tones and Sounds" é de autoria do embaixador Sérgio Duarte, recentemente chamado pelo secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU) o seu principal assessor internacional. Vale dizer, o segundo homem da ONU. Desta forma, não é pecado imaginar que, em Nova Iorque, o livro seja lançado também na sede da Organização Mundial.

O RIO É LIGHT

Light

Rio que te quero verde

Esmeralda com cheiro de mato, rubi em forma de flor. Sons, perfumes, gentileza silvestre. Ah, que bom respirar esta cidade que resiste verdejante em parques, bosques e jardins! Um cheiro de ontem, da infância, do Éden, Um flamboyant no céu da boca, fotossíntese de cada dia. E se você pensar que sou só um graveto queimado, jogado no asfalto, saiba que minha seiva é mel e corre por todo o Rio. De janeiro a dezembro.

Parque Dois Irmãos

ensaio fotográfico de **marcelo carnaval**

Quinta da Boa Vista

Parque Guinle

Será que um dia fui um rio de águas turmalinas? Ou lagoa banguela cercada de granito e arranha-céu? Bem sabes que no íntimo nunca passei de pequeno riacho de águas rasas e cristalinas como a íris na superfície. De tudo, o que importa é ver que sob mim estalam folhas de alguma amendoeira errante à margem. Ela é meu norte, o braço forte desta cidade.

Campo de Santana

Quinta da Boa Vista

Parque do Flamengo

Passeio Público

Praça dos Cavalinhos

Arvoredos, arvorinhas, passarinhas. Vontade de abraçar todas elas. Ou fazer feito Seu Rubens, o da Fonseca, que passeia em meio a parques e jardins cumprimentando cada uma delas, arvorões do princípio do princípio. São elas que sustentam o Rio de Janeiro virado de ponta-cabeça, onde o solo é o céu e o chão o firmamento.

Campo de Santana

Salete, mosteiro e Lisboeta, os "empadachins" do Rio

por **Vera de Souza**

Segue a oração da empada carioca. "Ave, Salete e austero Mosteiro que nos consomem de prazer a cada forminha que salta. Bendita a delicadeza do quitute único, pincelado de dourado e crocante sem ser crocante, que se desmancha por natureza. Entre vós pontifica a ilustre Lisboeta, que cerrou as portas sem jamais ter saído do nosso paladar. Nesta hora de carioquíssima obsessão, nós pecadores contritos levamos nossas palavras ao céu para dizer em uma só voz: Pô, salta uma empada aí, garçom!"

Há menos de um mês os jornais noticiaram que a conta de um restaurante carioca, que abriga as mais famosas empadas do Rio, tinha sido de dois bilhões de reais. Calma, não é a volta de uma inflação galopante. Esses foram os recursos pedidos pelo ministro da Saúde, José Gomes Temporão, ao ministro da Fazenda, Guido Mantega, em almoço oferecido pelo pai do titular da Saúde em seu tradicional restaurante Mosteiro.

Para José Temporão, pai do ministro, o convívio com políticos e personalidades diversas não é uma novidade em seu restaurante. Há quase 45 anos à frente do Mosteiro, uma casa tipicamente portuguesa encravada no Centro da cidade, perto do Mosteiro de São Bento, suas famosas empadas já saciaram a fome do alto clero da política e do empresariado. e que se destaca por suas famosas empadas.

José Temporão

Temporão conta que à época que Delfim Neto era ministro ele vinha todo o mês. "Chegavam sempre em três carros. O primeiro com os seguranças que examinavam o ambiente e depois Delfim entrava com os amigos ou assessores, religiosamente em número de 12. A área do bar era reservada para ele, que saboreava os pratos, mas sem esquecer as empadinhas", relembra divertido.

A lista de clientes famosos, muitos ainda freqüentadores, é extensa. Nomes como do ex-governador Carlos Lacerda, que quando não podia ir recebia seus acepipes em sua casa, em Botafogo; o ex-presidente João Figueiredo, o deputado Ulysses Guimarães e a turma do *poire* (aguardente de pêra); Jair Coser, Antônio Oliveira Santos, Ernane Galvêas e o ex-presidente da Fifa, João Havelange, que até hoje só se senta à mesa 29 — perto da cozinha e com visão privilegiada do amplo salão coberto de lambris e mármore de carrara. E da onde pode ainda avistar o maior orgulho de Temporão, uma fonte onde circulam graciosas carpas.

As empadas, pedidas por todos que vão ao restaurante, mantêm os sabores clássicos de camarão, frango e palmito, porque são esses que dão certo. "Já tentamos fazer de bacalhau, mas o sabor não ajuda", revela Temporão.

O sucesso garante ele, é ter uma só pessoa fazendo a massa e aqui eu tenho o "Mão-Santa", o Manuel Jesus Machado que, junto com seu irmão Vanildo, comanda a cozinha há 30 anos.

Temporão só cozinha em casa e diz que dono de restaurante tem que estar atento a todos os detalhes. E de fato, ele está: chega à casa às 5h da manhã, vê os produtos que serão usados, cuida da decoração e não perde um movimento do salão. Ágil, em seus 85 anos, cumprimenta todos os clientes que chegam ou que estão de saída.

As empadas que são feitas todos os dias chegam, às vezes, a 200 por refeição. Sendo a preferida a de camarão. Muitas pessoas, quando não podem ir ao restaurante, pedem para ser entregues em seus escritórios. Algumas vezes até em São Paulo.

Português do Minho, Temporão se orgulha de ter um filho ministro e diz que ele fará muitas coisas boas no governo. O ministro, que na posse recomendou à platéia "a melhor empada do Brasil", só não consegue uma coisa do pai: é que ele revele a receita. Isso ele não conta nem para a família.

Na Tijuca, num cantinho da Rua Afonso Pena, existe há 50 anos um bar/restaurante que faz a alegria dos apreciadores de empada. É o Salete, onde sempre se pode encontrar essa iguaria e escolher entre os recheios de camarão, frango e

A lista de clientes famosos do Mosteiro é extensa. Comem suas empadinhas nomes como Jair Coser, Antônio Oliveira Santos, Ernane Galvêas e o ex-presidente da Fifa, João Havelange, só para citar pouquíssimos

> "O segredo está em fazer a massa com banha, bater duas vezes e deixá-la descansar de um dia para o outro"
>
> Chef Pingüin, bar/restaurante Salete

palmito. Todas com azeitona sem caroço!

Luiz Ernani Farias Brito, funcionário desde 1989, e há três como gerente, revela alguns segredos do chef Pingüim (Edvaldo Correia da Silva), há 46 à frente dessa sagrada missão: "O segredo está em fazer a massa com banha, bater duas vezes e deixá-la descansar de um dia para o outro."

E é assim que todos os dias, a partir das 6h da manhã, Pingüim e mais quatro ajudantes fazem 500 empadas de camarão, 200 de frango e 200 de palmito. E a primeira fornada chega ao balcão às 9h. Nos fins de semana, especialmente quando há jogo no Maracanã, esses números sobem para 1.100 empadas, só de camarão! Mas nada de sabores exóticos. O desafio é continuar mantendo a tradição e a qualidade que fazem o sucesso da casa há cinco décadas.

As novidades ficam por conta de restaurar os azulejos originais antigos, em tom de azul claro, o novo balcão, a inauguração do segundo andar e, em breve uma filial, que deverá chegar à Barra da Tijuca ou a Copacabana.

A clientela formada, especialmente, por pessoas que trabalham nos escritórios próximos e moradores do bairro, fazem a casa encher todos os dias. Um desses freqüentadores, José Mauro Campos, executivo da Petrobras e morador da Tijuca há 57 anos, conta que desde menino ia com o pai ao Salete, depois do treino no América. Hoje, além de ir ao restaurante, pede empadinhas e outros acepipes em casa para ele, a mulher e os três filhos.

O mais antigo desses templos, a Lisboeta, que por 83 anos ocupou um sobrado no Centro, manteve em sua longa existência os ares do passado. Estavam lá os azulejos, o relógio de carrilhão e a clarabóia de mais de 100 anos. E, claro, as pecaminosas empadas de camarão, na versão comum e com pimenta. Deixa saudades.

A AACD oferece 5 especialidades em reabilitação. Quer dizer, 6 se contar o calor humano.

McCANN

A AACD Rio de Janeiro é uma instituição filantrópica que trabalha na reabilitação de crianças, adolescentes e adultos com deficiência física, ajudando-os a desenvolver suas potencialidades e a ter uma vida com maior qualidade e independência. Atualmente, são mais de 2.500 atendimentos por mês em 5 especialidades médicas e 7 terapias de reabilitação. Entre em contato conosco e saiba como apoiar este trabalho que está dando tantos resultados. Com a sua ajuda, ele pode dar ainda mais.

Patologias atendidas:

- Paralisia Cerebral – até 16 anos
- Lesão Medular
- Mielomeningocele
- Lesão Encefálica Adquirida
- Amputações
- Doenças Neuromusculares
- Malformações Congênitas
- Seqüelas de Poliomielite

AACD Rio de Janeiro
Rua Maranhão, 125 - Bairro da Viga
Nova Iguaçu - RJ - CEP 26013-610
Tel: (21) 3759-8400
www.aacd.org.br

AACD
ASSOCIAÇÃO DE ASSISTÊNCIA À CRIANÇA DEFICIENTE
RIO DE JANEIRO

Xexéo, além da alma

por Mônica Sinelli

Copacabana, cinema dos anos 70, MPB, sanduíche de filé com salada de batata, Canecão, Vargem Grande, labradores, receitas. E e-mails, muitos e-mails. Tudo isso está na cesta de variedades do colunista e editor do principal caderno de cultura do Rio. Com vocês, Artur Oscar Moreira Xexéo ou simplesmente Xexéo, nosso Oscar Wilde carioquíssimo.

"Sou carioca, mas por acaso. Meu pai era oficial do Exército e a cada dois anos mudava de cidade. Mas nasci e fui embora para o Rio Grande do Sul, depois Estados Unidos e interior de São Paulo, em Piquete. Até 18 anos de idade, enquanto morei com meus pais, nunca residi no Rio. Mas a base da minha família por parte de mãe foi sempre aqui. Minha avó e minhas tias, que eram gaúchas, vieram para cá, onde eu passava todas as férias. Sempre fui ligado à cidade, onde só vim morar de verdade para fazer o vestibular", rebobina Xexéo.

A imagem mais forte que ele guarda da cidade naquela época é a da comemoração da Copa do Mundo de 1958, com a famosa turma da Rua Miguel Lemos, em Copacabana. Armaram um palanque na Rua Aires Saldanha e a Seleção foi lá, com o capitão Bellini erguendo a taça e tudo. "Essa é a lembrança mais antiga que tenho de Copacabana, onde as minhas tias sempre moraram. Minha vida toda foi no bairro. Nas férias, a atração era ir à praia no Posto 6, porque lá não tinha onda." O jornalista recorda que, embora sempre na mesma região, suas tias se mudavam muito — uma hora no Posto 6, outra no Posto 4, no Leme... Mas a turma da Miguel se mantinha firme e forte e faz barulho até hoje.

Já naquele tempo, ele era louco por televisão. Seu irmão o levava para ver programas na TV Rio, onde hoje é o hotel Sofitel. Havia um programa aos domingos, chamado "Grande Gincana Kibon", que dava a oportunidade de concorrer a uma bicicleta a quem mandasse cartas para lá com 20 invólucros de picolé. "Eu ficava na praia catando embalagens para fazer um monte de cartas e meu irmão, caridosamente, me levava ao auditório. Mas eu nunca fui sorteado com a bicicleta."

Cinema na Lista Telefônica

O colunista conta que praticamente não saía de Copacabana, terra do cinema, não à toa tema recorrente em suas colunas. E como se ia ao cinema naquela época? Muito simples: pegava-se o catálogo telefônico e na última página constava

"O cine Royal era o império das chanchadas da Atlântida. Havia o Rian, o Caruso, o Alasca, o Alvorada – que era cinema de arte, passava Fellini e onde vi 'As férias de monsieur Hulot'. O Metro e o Art Palácio apresentavam uma programação bastante diversificada"

o telefone de todos eles. Ligava-se um por um e perguntava-se qual o filme que estava passando e a que horas. "Tem sessão das 16h? brinca Xexéo. O cine Royal era o império das chanchadas da Atlântida. Havia o Rian, o Caruso, o Alasca, o Alvorada — que era cinema de arte, passava Fellini e onde vi 'As férias de monsieur Hulot'. O Metro e o Art Palácio apresentavam uma programação bastante diversificada."

As cadeias de cinema tinham uma sala em cada bairro. A cadeia de determinado bairro passava um filme e outros cinemas de outras cadeias exibiam fitas diferentes. Havia uma opção em média de 12 filmes na semana para se assistir em Copa. "Até os 12 anos, o que eu mais gostava era de cinema nacional. Se em tal mês de férias o filme era 'Samba em Brasília', toda semana eu ia ver 'Samba em Brasília'. A gente ia também à missa das 18h na igrejinha do Forte. Depois, o programa era jogar ping-pong nas garagens dos edifícios, não essas subterrâneas, mas aqueles pátios enormes e abertos onde se colocavam as mesas. Cada dia o jogo era na casa de alguém." Para o lanche, a tradicional sorveteria Lopes, o Bob´s da Rua Domingos Ferreira — que foi a primeira lanchonete da cidade — e até uma entradinha na Avenida Atlântica, perto da Galeria Alasca, que vendia churros.

Xexéo só sentou praça efetivamente na cidade em 1970, morando com a avó na Rua República do Peru, esquina com a Toneleros. Logo depois, mudou-se para o apartamento do pai — que a essa altura tinha se aposentado e vindo para o Rio — na

Dias da Rocha. Em seguida, aos 22 anos, quando estava cursando a Faculdade de Engenharia, foi morar sozinho. Ao abandonar um futuro como engenheiro para estudar Comunicação, começou a envolver-se com cineclubismo, numa sala que ficava na Igreja Nossa Senhora do Rosário, na Rua General Ribeiro da Costa. Todo domingo, ele participava de um grupo que organizava uma sessão de filmes seguida de debates. "Na época, o espaço cult era o Cinema 1, na Rua Prado Junior. Todos os filmes da geração Paissandu — Goddard, Truffaut —, que eu não peguei na época, vi em reprise naquelas sessões extras de meia-noite no Cinema 1. Eu tinha também um cineclube na faculdade e um infantil, que ficava na Aliança Francesa, chamado Mini Cineclube Pererê."

nascido para editar fait divers

Ele lembra que arranjou um estágio no Jornal do Brasil no mesmo dia em que recebeu um convite de um colega de cineclubismo, que ia produzir um programa de cinema na TV Educativa, para trabalhar com ele. A dupla oferta o balançou, mas a voz do jornalista falou mais alto. "Eu entrei querendo ser editor do Caderno B. Achava que tinha nascido para isso. Mas me colocaram na Geral e eu adorei trabalhar lá. Depois, fui realmente ser editor do Caderno B, o que também virou um problema, porque achei que a minha carreira havia acabado. Pensei: pronto, cheguei no máximo que alguém poderia ter chegado. Mas a vida me mostrou que eu tinha muito mais a fazer."

O jornalista ficou dois anos no JB e foi para a sucursal da Veja aqui no Rio, comandada por Zuenir Ventura. "Fiquei muito amigo dele, um grande parceiro profissional. Meus melhores trabalhos foram feitos sob a sua tutela. E o Zuenir começou a mudar de trabalho e a me levar para os lugares aonde ia. Foi para a Isto É e eu fui atrás. Depois, para o JB, e eu fui também. Nessa volta, fiquei lá por 15 anos. Editei a revista Domingo, num projeto de reforma do Zuenir e, depois, o Caderno B e o Caderno Cidade, no período da Rio 92. Em seguida, fui subsecretário de redação e comecei a escrever a coluna."

Dos tempos em que escrevia crítica de música no JB, ele guarda saudade dos shows no People e no Jazzmania — dois redutos *cults* dos anos 80 — e dos espetáculos inesquecíveis no teatro do Hotel Nacional, como os de Elis e Tom e de Edu Lobo e Nana Caymmi. "Os shows que me interessam hoje são os mesmos que me interessavam nos anos 1970 e 1980, de artistas como Ney Matogrosso, Caetano, Gil, Gal e Bethânia. Eu comecei a comprar disco quando eles começaram a gravar. Minha mesada eu gastava em disco e acabei montando uma coleção sensacional de LPs. É uma geração privilegiada a minha, porque teve acesso a essa música no momento em que ela estava sendo feita. A expectativa que se tinha com a chegada de um disco novo do Chico Buarque não vai ser igualada. Eu entrei numa fila interminável numa loja de discos da Barata Ribeiro, entre a Miguel Lemos e a Xavier da Silveira, para comprar o compacto simples de 'A Banda', com a Nara Leão. Havia duas vendedoras: uma atendendo a todo mundo e a outra só a quem queria esse disco que, claro, era muito maior que a outra." Xexéo não se considera hoje um desinteressado por música, diz que ouve de tudo, porém, mais pelo lado profissional do que afetivo. A curiosidade ainda está viva, mas seu amor é por aquela gente que ele viu começar.

com uma ajudinha dos e-mails

No Globo, para onde foi em 2000, ele diz que, como o trabalho de editor o consome muito, sempre acaba fazendo a coluna em cima do laço. "Nisso o leitor me ajuda demais. O tipo de e-mail que eu mais recebo começa com `eu

leio você há muito tempo, mas é a primeira vez que te escrevo´. Eu acho bacana e respondo sempre. Se você fala de assunto político, fica fácil. Um brado politicamente correto sempre dá certo, porque alcança a massa de leitores do jornal. Mas eu não gosto. O assunto tem que me atingir muito para eu me submeter a essa facilidade."

Xexéo exemplifica com um episódio em que teve uma briga com Antônio Carlos Magalhães. "Uma bobagem. Eu estava escrevendo uma coluna e faltavam umas cinco linhas para concluir. Peguei um assunto que estava na primeira página do jornal — na época, o JB — e fiz uma crítica comportamental ao senador. O pior é que a chamada estava errada, não condizia com a notícia lá dentro da editoria. ACM, furioso, me mandou um e-mail. Quando vi que era dele, não li, deixei de lado. Dias depois, um chefe meu perguntou: 'O que é isso aqui?' Eu respondi que era um e-mail do ACM, mas que eu não havia lido. Então ele disse: 'Você não leu? Mas que absurdo'! E foi embora. Aí, eu fiquei curioso e fui ler. Dizia: 'Você me chamou de raposa velha, mas não me conhece. Você pode ter ouvido dizer que sou isso, mas eu também ouço muito as pessoas dizerem que você é veado, e nem por isso te chamo de veado, porque não te conheço'. Aquilo me bateu como uma coisa meio ameaçadora, parecia uma carta de chantagem. Depois, eu soube que os repórteres entravam na sala dele no Senado e ele mostrava: 'Olha o e-mail que mandei para o Xexéo'... Então, resolvi responder. Fiz uma coluna que se chamava 'O senador me chamou de veado', em que transcrevia o tal e-mail. Eu estava meio desiludido com um país que tinha um senador que perdia tempo em escrever uma coisa para um colunista de variedades, de *fait divers*. Aquilo não tinha nenhuma importância política, como um comentário do Carlos Castelo Branco (o principal colunista de Política da época) deveria provocar. Aí, ele ficou mais possesso ainda e ligou para o dr. Britto (dono do JB), pedindo para eu parar de falar dele que ele ia parar de falar de mim. Foi o dia em que mais recebi e-mails — cerca de 700 — e todos me apoiando."

Ele conta que, tempos depois, estava andando na Rua Toneleros, quando veio um mulher do outro lado da rua. "Ela me viu e gritou: 'Xexéo, é isso aí, eu amo você'! Eu quase chorei, atravessei a rua e a abracei. Às vezes, acho que o que escrevo é quase uma carta de leitor para o jornal. Só que o leitor considera que aquele meu espaço é mais prestigioso. Então, dá mais valor ao fato de sua reivindicação sair na minha coluna do que na sessão de cartas. Isso acaba virando quase um serviço." Mas o colunista diz que prefere quando fala de um filme de 1943 e isso toca alguém. "Tem muita velhinha leitora que me escreve e-mail. Quando vou ao teatro, depois do ator em cena, o segundo maior sucesso sou eu. Elas vêm todas falar comigo e eu adoro, converso, beijo, abraço, agradeço."

Esculhambar em público, não!

Para o editor do Segundo Caderno do Globo, o cotidiano da vida cultural no Rio de Janeiro é bastante divertido e, mais interessante ainda, é poder aliar o trabalho a essas atividades. Xexéo explica que o carioca ou mesmo o forasteiro que mora aqui se envolve muito com a cidade, torce apaixonadamente por ela e se identifica de cara com qualquer coisa que diga respeito as suas questões. "Ele próprio a xinga, mas não gosta de ver a cidade xingada no jornal. Esculhamba na intimidade, mas não quer ver a esculhambação pública. Então, qualquer referência ao Rio na minha coluna tem um retorno muito grande, puxa não só lembranças, mas comportamentos atuais. A história de eu abordar cinema é bem

ilustrativa disso, por provocar desdobramentos. Aí, vira uma coisa que não acaba nunca. E se fala mais de cinema como instituição física do que propriamente de filmes, é mais o envolvimento com a cidade. As pessoas gostam dos marcos, das salas de exibição, dos prédios da cidade."

Por ter se tornado, em suas próprias palavras, muito tecnológico, o rei Artur das páginas culturais do Rio afirma que equaciona seu amor pelo cinema hoje com o DVD. Tem de tudo no seu arquivo filmográfico. Mas a preferência é pelos títulos dos anos 1970. "Comprei um livro alemão sobre o cinema dessa época, que é uma coleção com as 100 principais fitas do mundo inteiro. Tenho um projeto de adquirir todos esses filmes, gosto muito do cinema americano dos anos 1970, Scorcese, Coppola, Spielberg. Gosto de ler livros de cineastas. Para mim, um dos dez maiores livros de todo os tempos é o roteiro de Sartre para a vida de Freud —`Além da alma`— que virou um filme de John Huston.

Mas seu roteiro cultural permanece ligado a Copacabana, onde mora há 25 anos no mesmo prédio no Bairro Peixoto, um, digamos, bairro dentro do bairro. "Quando vou a outro lugar — Ipanema, por exemplo — me sinto meio caipira. Acho que não me visto como as pessoas de lá, não tenho a cultura dos cafés sofisticados. Eu sou de Copa, do botequim. As vantagens do Bairro Peixoto é que você tem todas as facilidades de Copacabana a pé: anda dois quarteirões e está na Modern Sound, no Cafeína, na Galeria Menescal, no Lidador, na livraria Argumento. Essa é a parte mais ipanemense que Copacabana tem. Eu freqüento esses lugares e fico mais à vontade neles do que nos similares de Ipanema ou Leblon".

Palavras de quem tem o privilégio de morar numa miniatura de cidade do interior, onde todo mundo se conhece, dentro do macrocosmo de Copacabana. Ali, 80% dos prédios mantêm o gabarito tradicional de quatro andares, característico de fins dos anos 1950. "É um tipo de arquitetura muito próprio, são edifícios sem hall, não existia ainda o conceito de portaria. Você abre a porta e já está no corredor, que dá para as portas dos apartamentos térreos, com uma cara de casa."

meu parque lage

Mas nem só de Copacabana vive o fiel escudeiro da Princezinha do Mar. Mestre Artur, além de seu oásis na metrópole, encontra refúgio em outro extremo, no lado oeste, o hoje balado bairro de Vargem Grande. "Meus pais construíram uma casa há mais de 30 anos naquela área rural, quando era um verdadeiro deserto. Meu pai faleceu, minha mãe adorava a casa e ficou

"As vantagens do Bairro Peixoto é que você tem todas as facilidades de Copacabana a pé: anda dois quarteirões e está na Modern Sound, no Cafeína, na Galeria Menescal, no Lidador, na livraria Argumento"

morando lá um tempo. Ela também morreu e eu fiquei muito ligado ao lugar por essas razões afetivas. Vou para lá todos os fins de semana. Tenho uma família de cães labradores, gato, pitangueira, jaqueira, jabuticabeira, mangueira, limoeiro. Eu comecei a ir muito para lá há oito anos e, desde então, as coisas mudaram muito. Há um prédio ao lado da minha casa, que tinha uma grade, por onde eu via a rua. Eu ficava sentado na varanda e, de repente, passava uma vaca, um cavalo. Hoje, o tráfego é intenso. Então, tenho um portão de ferro verde para tapar essa loucura e fingir que faz parte do meu Parque Lage."

Do Rio, Rio mesmo, Xexéo confessa que anda meio arredio. Acha que a cidade não é mais tão amável e receptiva com quem quer sair à noite. Mas nada tão grave que os olhos não brilhem com um show no Canecão, por exemplo. "Uma estréia no Canecão é uma coisa única, seja de quem for, garante com conhecimento de causa o ex-crítico de espetáculos do JB. Você tem certeza que vai encontrar conhecidos, não sabe quem estará na sua mesa — porque comprou dois convites, mas a mesa é para quatro — e vai bater um papo com alguém que nunca mais vai ver. Eu não conheço outra coisa no mundo que possa se equiparar a uma estréia no Canecão. Mas gosto também dos nossos grandes teatros, do Carlos Gomes, do João Caetano, acho a Praça Tiradentes o máximo. Como eu queria ver essa região revitalizada, como um ponto de encontro depois do trabalho, a exemplo do que está acontecendo com a Lapa, que é exemplar."

E o que encanta o paladar do apaixonado amante do cinema e da MPB? "Sou fã de sanduíche de filé com salada de batata do Cervantes. Acho que é o melhor prato que existe no Rio de Janeiro. Gosto do restaurante Siri Mole, vou à Fiorentina para encontrar pessoas. E adoro a Polonesa, aquele clima de depressão domingo à noite, aquela televisão ligada no Fantástico, o estrogonofe e o famoso suflê de chocolate, que tem que ser encomendado quando a gente chega. Sou fã também do Árabe da Avenida Atlântica: o pão que eles têm...eu não sei de onde vem aquilo. E em casa não sou um grande cozinheiro, não tenho talento de misturar coisas e temperos e imaginar que isso com aquilo vá dar certo. Mas, seguir uma receita, esse talento eu tenho e faço direitinho." Mais esse, né, Xexéo?

Xexéo se envolveu com cineclubismo, numa sala que ficava na igreja Nossa Senhora do Rosário, na Rua General Ribeiro da Costa. Os domingos eram dedicados a organizar uma sessão de filmes seguida de debates

Com vocês, Mr. Canecão

por Kelly Nascimento

Cantores, cantoras, cantrizes, saibam que quem constrói o palco é o verdadeiro rei da ribalta. Invisível, é bem verdade. Mas onipresente nos acordes da música, nos trejeitos e danças e nas palmas da platéia. Um desses semi-deuses atende por Mr. Mario Priolli, sinônimo de Canecão. Saravá, santo padroeiro dos shows da MPB! Aliás, este show nunca vai acabar.

"Fiquei muito contente ao saber que o boliche entrou como uma das modalidades do PAN do Rio". Para um ouvinte desatento o comentário feito numa casa de shows da cidade poderia ser atribuído a um entusiasta do esporte. Nem um pouco. A referida casa de show é o Canecão e o comentário foi feito por ninguém menos que seu dono, Mario Priolli. O que o Canecão tem a ver com boliche? Voltemos no túnel do tempo.

Corria o ano de 1964 quando os cariocas conheceram o jogo coqueluche de Paris: o boliche! "Descobri o boliche quando morava na França e reparei que os brasileiros de lá adoravam. Pensei: 'Vou levar isso para o Brasil'", recorda Priolli, que foi parar na Cidade-

A Banda do Canecão

Luz graças a uma bolsa de pós-graduação em Administração do governo francês.

Paixão pelo carioca *Way of Life*

O tempo passado em Paris, de 1961 a 1963, é lembrado de forma especial por ele. "Dei sorte de conhecer o cônsul-geral do Brasil, Antônio Azeredo da Silveira. Na casa dele, me tornei próximo de grandes personagens como Zózimo Barroso do Amaral e Porfírio Rubirosa, aliás o homem mais interessante que já conheci. Rubirosa era um dos reis de Paris e me apresentou a muita gente, como Eddie Barclay, dos discos Barclay". Priolli era o mais novo dos 20 latinos matriculados no curso. Ao término, Mario e mais uma outra aluna conseguiram prorrogar sua estada e foram trabalhar no Centro de Pesquisa do governo francês.

A vida parisiense lhe caía muito bem mas, como já dizia Paulinho da Viola, a rapaziada sente a falta de um cavaco, de uma pandeiro e de um tamborim. Tudo ia muito bem até Priolli se enrabichar por uma carioca que passava férias na Cidade Luz. Logo bateu saudade da terrinha. Não demorou para fazer as malas e voltar para São Paulo. Mas não ficou satisfeito. "Quando voltei

Chico Buarque

Zeca Baleiro

Caetano Veloso

Toquinho

Rita Lee

Moulin Rouge

para São Paulo, vi que a vida era chata. Eu seria apenas mais uma peça na engrenagem. Decidi vir para o Rio, já que tinha duas namoradas aqui", diverte-se contando. O Rio ficaria eternamente grato a essas namoradas.

A cidade nunca mais seria a mesma após a chegada de Mario. Ele foi logo abrindo quatro casas de boliche que encantaram os cariocas. Fizeram tanto sucesso que o dono ficou preocupado. "Percebi que o boliche tinha um efeito modal e que ia passar em breve. A superoferta mata qualquer moda do mundo", ensina. Seu tino para os negócios começou a farejar novas oportunidades. Três hipóteses lhe soaram atrativas: uma boate ("A classe média não tinha onde dançar"); um restaurante ("algo tipo Porcão ou La Mole) "ou uma cervejaria. Ganhou a última opção.

"Escolhi a cervejaria: não existia no Rio e era moda em São Paulo. Só que não iríamos fazer uma cervejaria alemã como era de praxe na capital paulista. A idéia era bonita: fazer um ponto que de tão carioca viraria atração turística", explica Priolli. O projeto ambicioso seria batizado de Canecão, uma referência ao caneco em que era servido a cerveja. A empreitada reuniu um time da pesada, entre eles Ziraldo. O cartunista foi o autor do famoso painel de 23 metros em branco e preto, que decorou a casa por um bom tempo.

A bem da verdade, o Canecão não era somente uma cervejaria. Para a época, podia ser considerado um complexo de entretenimento. As noites no Canecão costumavam ser longas: a casa abria às 19h e funcionava até o sol raiar, por volta das 6h, quando o último fanfarrão ia embora. Havia um esquema de show a cada 20 minutos. O espetáculo começava com uma bandinha adentrando o salão tocando marchinhas de Carnaval. Com esse artifício, a casa conseguiu o feito de estender a magia carnavalesca durante todo o ano. Era sempre Carnaval no Canecão!

"Uma vez, o Ibrahim Sued tentou entrar direto. Jorge, o porteiro o barrou e disse que ele ficasse na fila. A briga do Ibrahim Sued com o Canecão durou anos. Até que um dia convidei-o para apresentar um show de Roberto Carlos e viramos amigos"

No palco, atrações circenses como equilibristas chineses, malabaristas e palhaços se revezavam. Em seguida, outro grupo entrava em cena, a Banda do Canecão, com direito a tubas e outros instrumentos de sopro e percussão. O grupo acabaria recebendo 18 discos de ouro, tamanho o sucesso da idéia. Outro sucesso que a casa lançou na época foi Osmar Milito. Mas a noite ainda acumularia mais atrações. Passavam pelo salão também um conjunto de Bossa Nova e ainda um de rock, com direito a go-go girls batizadas de "As Canequetes". Nos intervalos entre um conjunto e outro a banda atacava, enquanto personagens inusitados como um espadachim, um cavaleiro medieval, uma cigana, um mágico, um urso e um gorila, circulavam pelas mesas. Haja fôlego!

A abundância de espetáculos servia para atrair uma clientela diversa. A rotatividade em apenas uma noite era altíssima. "Era um verdadeiro rodízio de pessoas. A fila pegava a Rua Lauro Muller inteira e ia até a Avenida Pasteur, na altura do Yatch Club", conta Priolli. Ele recorda uma cena engraçada daquele período. "Uma vez, o Ibrahim Sued tentou entrar direto. Jorge, o porteiro o barrou e disse que ele ficasse na fila. A briga do Ibrahim Sued com o Canecão durou anos. Até que um dia convidei-o para apresentar um show de Roberto Carlos e viramos amigos. Todo domingo passeávamos juntos de barco!", diverte-se.

Eis que surge o Canecão dos grandes espetáculos

Mario Priolli sempre teve noção do caráter sazonal do gosto do carioca."O público se cansa de ver sempre a mesma coisa", explica. Resolveu apostar nos shows dirigidos por Carlos Machado. Com a iniciativa, o Canecão lançava, em 1968, Betty Faria e Norma Benguell. "Foi a desmistificação do show de oba-oba. Até então, o grande público não tinha acesso a esse tipo de espetáculo". Passou a moda do Carlos Machado. Mas a máquina de idéias chamada Mário continuava funcionando a todo a vapor. "Tive um insight: se continuarmos com espetáculos da moda, vamos quebrar a cara. Pensei que devíamos imitar o cinema: a atração não é o local, mas o espetáculo. Aí Maneco produziu o show de Maysa". Maneco é o programador Manoel Valença, fiel escudeiro de Priolli até hoje.

Naquele ano de 1969, num espetáculo ousado misturando dança, vídeo e música, Maysa adentrou o palco, acompanhada por dois negros que

Maysa

Clara Nunes e Paulo Gracindo

Maria Bethania

lhe tiravam parte da roupa, deixando-a só com um vestido. "Foi meu amigo Ricardo Amaral quem trouxe a Maysa da Espanha de volta ao Brasil. Através dele consegui viabilizar esse show", diz um orgulhoso Priolli. Maysa ficou em cartaz no Canecão por dois meses, de terça a domingo. Com direção de Bibi Ferreira — também responsável pelo espetáculo de inauguração da casa, 1967 —, o show tinha em seu repertório a antológica canção "Chão de estrelas". Terminava com uma chuva de pétalas de rosas, imagem que Maysa usaria em seu disco lançado naquela época.

Nascia, desta forma, o Canecão dos grandes shows de música popular brasileira. Nesses 40 anos, passaram por seu palco todos os grandes nomes da MPB e mais um bom bocado de figurões

"Chorei pela primeira vez durante o show que Bibi Ferreira fez para a inauguração da casa. A outra foi na estréia de Maria Rita. Vê-la no palco trouxe-me lembranças de Elis, a maior amiga que tive"

da música internacional. Gente como Alice Cooper, Sarah Vaughan, Miles Davis e Ray Charles. O show de mais longa temporada foi "Brasileiro, profissão esperança", de Paulo Gracindo e Clara Nunes. Dirigido por Bibi Ferreira, o musical ocupou a casa por sete meses do ano de 1974. A medalha de prata fica com as francesas do Moulin Rouge, que se apresentaram 127 vezes em 1972.

Já a memória afetiva de Mário Priolli destaca outros espetáculos. "O show do qual mais me orgulho aconteceu em 1971 e uniu a música clássica à popular. De um lado Chico Buarque, MPB 4, Quarteto em Cy e uma ala da Escola de Samba Unidos de Padre Miguel. Do outro, a Orquestra Sinfônica Brasileira, regida pelo maestro Isaac Karabtchevsky e com participação de Jacques Klein. Nós usamos pela primeira vez no mundo um telão (ainda em branco e preto) como elemento cênico. Este espetáculo for dirigido por Manoel Carlos a partir de uma concepção de Vianinha (Oduvaldo Viana Filho)". Outro momento guardado com carinho por Priolli foi o show produzido por Aloísio de Oliveira que reuniu Tom, Vinicius, Miúcha e Toquinho. "Foi maravilhoso e tão importante que levei-os para Mar del Plata, na Argentina. Aluguei o centro de convenções de um hotel e passamos um mês lá."

Risos, lágrimas e muitos espetáculos

Mas foram Bibi Ferreira e Maria Rita as únicas que fizeram Priolli chegar as lágrimas em toda história do Canecão. "Chorei pela primeira vez durante o show que Bibi Ferreira fez para a inauguração da casa. A outra foi na estréia de Maria Rita. Vê-la no palco trouxe-me lembranças de Elis, a maior amiga que tive. Elis brigou com o empresário dela por mim. Lembrei desse troço na estréia de Maria Rita". Mario recorda de outros músicos que também têm uma relação muito especial com o Canecão."A prata da casa é Maria Bethânia. Foi ela quem fez mais shows aqui. Já Chico é o fiel da casa: suas turnês sempre passam pelo Canecão."

Muitos daqueles que passaram pelo palco do Canecão acabaram virando amigos de Mário. Um deles foi Vinicius de Moraes. A amizade entre os dois surgiu antes mesmo da criação da casa.. "Conheci Vinicius na boate Zum Zum, quando ele apresentava o 'Pontos e contrapontos'. Vi esse show 18 vezes. Já naquela época eu adorava shows, acho que por isso o Canecxão seguiu esse caminho.. Foi Vina quem inventou o Baixo Gávea. Eu sempre o levava para tomar café da manhã lá", lembra.

Outro amigo de quem Priolli se lembra com muito carinho é Wilson Simonal. "No auge do sucesso, Simonal era endeusado por todo mundo. Ele tinha marcado um show às 23h30min no Canecão. A casa estava lotada, deu meia-noite e meia e nada do Simonal. O público todo começou a bater os canecões de chope nas mesas. Imagine o barulho! Daí, eu liguei pro Simonal, que estava no hotel Savoy, em Copacabana: "Simona, vem pra cá se não vão me quebrar o Canecão inteiro!! E ele respondeu 'Deixa, o público tem que sentir falta!'"-, conta, entre gargalhadas. Simonal acabou aparecendo para fazer o show. No dia seguinte, o prudente Priolli retirou todos os canecões da casa.

Para Priolli, Simonal foi uma das maiores vítimas desse país. "O Simonal, com dó do contador que tinha roubado tudo dele, emprestou seu próprio carro para a polícia ir buscar o cara. O que Simonal quis, na verdade, foi preservar a mulher do contador, que estava grávida. Por isso não quis que a polícia fosse pegá-lo num camburão. O advogado do contador usou isso contra o Simonal, espalhando que seu cliente havia sido preso no carro do Simonal e que isso era ilegal."

O advogado acionou logo o delegado, que

intimou Simonal. "Em vez de ser humilde, Simona bradou que era amigo dos homens, referindo-se aos generais de Brasília. Ele falou isso porque ele havia feito um show em Brasília no dia da Independência, junto com Elis Regina, Roberto Carlos e Elizeth Cardoso — entre outros. Bem, o delegado chamou a imprensa inteira, que rotulou Simonal de dedo-duro. Foi a maior sacanagem A *intelligentsia* acabou com SImonal", lamenta.

Pouco tempo depois, os amigos tentariam soerguer o cantor. "Ronaldo Bôscoli e Miéle vieram ao Canecão e me propuseram que salvássemos Simonal. Concordei. Bolamos um show de circo. O público viria ver o circo e veria o Simonal, que entraria no meio do show fazendo mágica. Em determinado momento, Simonal chegaria vestido de palhaço, pegaria uma torta e jogaria na sua cara, falando a seguinte frase: "Sou, mas quem não é?". Era uma forma de pedir desculpas. Mas, em cima da hora, Simonal desistiu de se apresentar", lamenta. A idéia foi realizada depois, com Roberto Carlos no lugar de Simonal.

Além do talento para negócios, outro ponto forte de Mário Priolli é o sucesso com o público feminino. O empresário se recusa a falar de suas ex, mas amigos, como Luiz Carlos Miéle, comentam sobre sua animada vida afetiva nos anos 1960 e 1970. Era normal ver Priolli desfilando com algumas das mulheres mais belas do Rio. Miéle cita especialmente a beleza de Maria de Fátima, considerada pelos colunistas e fotógrafos como o rosto mais perfeito de seu tempo. A tal ponto que,

acrescenta Miéle, que Elizabeth Taylor ao vê-la na Europa parou frente a ela e lhe fez cumprimentos elogiosos. Quando perguntado, Priolli se recusa galantemente a falar e sai pela tangente. "Depois de Giovanna, com quem sou casado há 13 anos, as outras mulheres desapareceram da minha vida", esquiva-se.

Mas nem só de flores se faz o caminho da história. Não seria diferente com o Canecão. No fim da década de 1990, a casa de espetáculos se viu ameaçada pelo projeto de um shopping vizinho de transformar a área em estacionamento. "Ricardo Cravo Albin organizou um abaixo-assinado pedindo o tombamento do Canecão. A iniciativa contou com o apoio de gente como Oscar Niemeyer, João Ubaldo Ribeiro, Chico Buarque, além de Barbosa Lima Sobrinho, mobilizando grande parte da sociedade carioca", conta Priolli. E surtiu efeito. Em 1999, um projeto de lei determinou o tombamento da casa.

Rio, 40 anos depois

Nesses 40 anos no coração do bairro de Botafogo, o Canecão foi um espaço privilegiado para Mario Priolli observar as mudanças nos hábitos dos cariocas ao longo das décadas. Antes, de terça a domingo, os shows passaram a acontecer de quinta a domingo. As temporadas de seis meses foram adaptadas para show de apenas um dia, na maioria dos casos."Isso se explica pela perda de poder aquisitivo da classe média", avalia Priolli. A questão da segurança também interferiu na rotina das pessoas. "Antigamente os shows eram à 0h30min, depois caíram para 23h30min e mais adiante para 21h30min. Isso mostra como a insegurança no Rio mexe com a noite. Talvez seja um dos motivos que expliquem por que as temporadas não são tão longas como antes." Mas Mario é otimista e, 40 anos depois, continua a ver o Rio com esperança. "Acredito muito no Sérgio Cabral. Ele pode inverter a situação e fazer o mesmo que (Rudolph) Giuliani fez em Nova Iorque. Há 40 anos, o Rio era um paraíso. Acredito que o Rio possa voltar a ser um paraíso. Antes, era o Rio da Bossa Nova, do sanduíche no Cervantes às 5 da manhã. Hoje o medo tomou conta. Mas Nova Iorque já teve problemas piores que os do Rio e conseguiu resolvê-los."

Esse voto de confiança se traduz em investimentos. Hoje Mário se prepara para abrir o Canequinho, anexo ao Canecão, local que antes funcionava como depósito de mesas e cadeiras. O Canequinho terá um clima mais intimista e será um espaço dedicado a espetáculos acústicos, a exposições e à degustação de um bom café. A bebida será uma das estrelas da casa: além do charme de um barista, será possível encontrar três das melhores marcas de exportação do Brasil. Mais uma prova de amor de Mario à cidade. Não é à toa que ele se classifica como ex-paulista. "Hoje não sou mais paulista. Sou carioca honorário. E foi a primeira vez que o título foi dado por unanimidade a uma pessoa", gaba-se. Pode ser, mas o Canecão continua sendo a prova irrefutável da carioquice de Mário.

"Ricardo Cravo Albin organizou um abaixo-assinado pedindo o tombamento do Canecão. A iniciativa contou com o apoio de gente como Oscar Niemeyer, João Ubaldo Ribeiro, Chico Buarque, além de Barbosa Lima Sobrinho, mobilizando grande parte da sociedade carioca"

Da cor da felicidade

por Kelly Nascimento

Quando Aleixo Gary emprestou seu nome à profissão podia imaginar tudo, menos que criaria um ícone pop. Sim, vestido no indefectível macacão laranja, Renato Sorriso inaugurou a categoria gari-celebridade. É convidado para participar de novelas a espetáculos internacionais. Famoso, *pero sin perder la ternura jamás*, Sorriso não se esquece do lema da profissão: zelar para que o Rio continue lindo.

O crescimento da cidade do Rio de Janeiro se deu de forma desordenada até o século XVIII. Para se ter uma idéia, em 1760, inexistia um serviço de limpeza pública. A cidade tinha 30 mil habitantes atirando lixo por toda parte: praias, lagoas e rios.

Em Londres, o sistema de coleta de lixo começou em 1407, ano em que os londrinos receberam instruções de não jogar mais lixo na rua: deveriam acumulá-lo em casa até levarem ao coletor. Já o Rio teria a primeira determinação sobre o assunto somente em 1830. Era o esboço de um futuro serviço de limpeza pública.

As ruas do Rio só começariam a ganhar ares de limpeza graças a um francês chamado Aleixo Gary. Em 1885, ele foi contratado para limpar as praias da cidade e remover lixo para a Ilha de Sapucaia, situada onde hoje está o bairro Caju. A vigência do contrato era de seis anos, mas, antes do fim, Aleixo se afastou da tarefa, deixando-a aos cuidados de outro Gary – Luciano.

Com, a criação da Superintendência de Limpeza Pública, Luciano Gary deixou sua marca definitiva na história da cidade. Foi nessa época que os cariocas passaram a chamar de gari os profissionais responsáveis pela limpeza pública. Um século depois, outro gari conquistaria a cidade. Sua arma fatal não é a vassoura, mas um sorriso imbatível. É Renato Lourenço, mais conhecido como gari "Sorriso". Esse carioca de Madureira fez do gingado e simpatia seu cartão de visita, conquistou a cidade do Rio de Janeiro e ganhou fama internacional.

A entrada de Renato na Comlurb se deu por vias tortuosas." Antes trabalhei em várias empresas, fui atendente das antigas Casas Garçon e até camelô!", conta Renato. Cansado dos constantes atrasos no salário, soube que a Comlurb estava com inscrições abertas e resolveu tentar a sorte. "Fiz o concurso porque vi que a Prefeitura me daria estabilidade e condição de fazer um plano

RENATO
FEITURA

"Comecei a varrer o Sambódromo e, ao ouvir o som da bateria, me deu vontade de sambar. Eu sempre sambava lá na seção da Comlurb. E quem é que tá dentro da Apoteose e consegue não sambar?

de vida, com emprego garantido e salário em dia". Deu certo. Em 1995, Renato começou seu caso de amor com a profissão de gari.

Ninguém melhor do que Renato para contar as dores e delícias de ser um gari no Rio de janeiro, profissão que soma um contingente de 9.250 homens e 1.750 mulheres que trabalham para que a cidade continue maravilhosa. "No começo, pensei que fosse um bicho-de-sete-cabeças. Nunca tinha trabalhado de gari. Mas eu encontrei uma família, achei bacana. Fui me dedicando à profissão e fazendo o trabalho com amor. E vi também que é muito importante a função de gari. Nós fazemos diferença na cidade: deixamos praças e ruas limpas", teoriza.

Com o conhecimento acumulado ao longo dos anos, esse observador das ruas traça uma análise antropológica dos hábitos de cada bairro. "Hoje temos uma parceria com a população, mas é normal que as ruas fiquem sujas: cerca de 60% do lixo coletado pela Comlurb são de varredura, ou seja, recolhidos em vias públicas. Mas lugar que concentra muita população fica mais sujo — é o caso do Centro da cidade. Já a Barra da Tijuca é mais limpa, porque há menos circulação de pessoas."

Análises antropológicas à parte, o costume de algumas pessoas de colocar lixo fora do lugar desagrada Sorriso. Na Praça Xavier de Brito, na Tijuca, ele não perdoa um rapaz que não coloca o coco numas das diversas lixeiras espalhadas pela área. "É um rapaz que não colabora com nosso trabalho. Algumas pessoas têm o vício de colocar lixo no lugar ou na hora errada. Mas esses são minoria", comenta, jurando que essa prática não lhe tira o humor. "Uma das coisas que me chateia não é a sujeira do lixo; é a falta de respeito das pessoas. Os garis trabalham 24 horas por dia para manterem as ruas limpas", explica. De fato, quase nada consegue lhe tirar o sorriso do rosto.

Pudera. Passar no concurso de gari foi como ganhar na loteria. A vida de Sorriso de uma guinada a partir de 1996, em plena Marquês de Sapucaí. "Comecei a varrer o Sambódromo e, ao ouvir o som da bateria, me deu vontade de sambar. Eu sempre sambava lá na seção da Comlurb e meus amigos colocaram pilha. E quem é que tá dentro da Apoteose e consegue não sambar? Logo, veio meu diretor e mandou que eu parasse. Foi vaiado pelo setor 1 inteiro, que aplaudia quando eu sambava. Foi tudo o que eu queria, eu nunca tive dinheiro para desfilar. Então, juntou o útil, o agradável e o samba", diverte-se. A animação de Sorriso chamou a atenção da apresentadora de TV Hebe Camargo, que o convidou para uma entrevista em seu programa. "Ela pediu meu telefone, mas nem isso eu tinha na época", recorda. Nascia a celebridade Sorriso.

O gingado do gari conquistou o mundo: ele já

sambou no Canadá, Inglaterra, Espanha, França e até no inusitado Bahrein. (pequeno estado insular no Golfo Pérsico). "Nessas viagens, a Comlurb me libera. Eu levo meu macacão laranja, prego cartões-postais do Rio e vou sambando. E quando participo de eventos, palestras ou comerciais, eu vou de manhã. À tarde, volto para varrer a praça". Apesar de conhecer vários países, Sorriso não abre mão do Brasil, nem do Rio. "O Big Ben é show de bola, mas maravilha igual ao Cristo não tem!" Muito menos na profissão de gari.

"Não troco esse trabalho por nada. Trabalho na Praça Xavier de Brito há mais de dez anos. Todos aqui me conhecem e gostam de mim. Simples, quando perguntado do melhor da profissão, Renato nem pensa na fama ou em viagens. " Hoje posso dormir sossegado, pagar as contas em dia. Já tenho 12 anos de Comlurb. E vejo colegas que estão há 20 anos e estão bem", explica. Fama? Sorriso tem uma definição bem realista a respeito. " Isso de fama é como uma vela acesa que pode se apagar, mas o gari Sorriso não. Minha fama é estar bem com meus amigos, poder rodar o Rio inteiro - Zona Sul ou favela — e ser respeitado por todos" .Com toda essa simpatia, não seria de se estranhar que, no futuro, em vez de gari, a profissão pode passar a ser chamada de "sorriso".

No Rio, até os garis são bambas

Engana-se quem pensa que Renato é o único gari carioca com talento para as artes. Muito antes de Sorriso mostrar seu talento na Apoteose, os profissionais da limpeza urbana já mostravam seus dotes artísticos. Eles formaram, em 1989, o Coral Amador de Garis do Rio. A iniciativa da Comlurb tinha como meta a valorização da figura do gari. A idéia era mostrar à população a importância desta profissão através da divulgação de suas habilidades artísticas.

Em sua maior parte formada por percussionistas, o repertório do Coral abusa do samba, mas não esquece outros ritmos. Há espaço até para a música erudita. Os arranjos, todos inéditos, são de autoria do antigo regente do grupo, Wally Borghoff.

O grupo leva na bagagem mais de 800 apresentações nos estados do Rio, São Paulo e Bahia. Já cantaram em espaços nobres como o Theatro Municipal, a Sala Cecília Meirelles e até num evento internacional - a "Ópera Mundi", realizada no Maracanã em 1994.

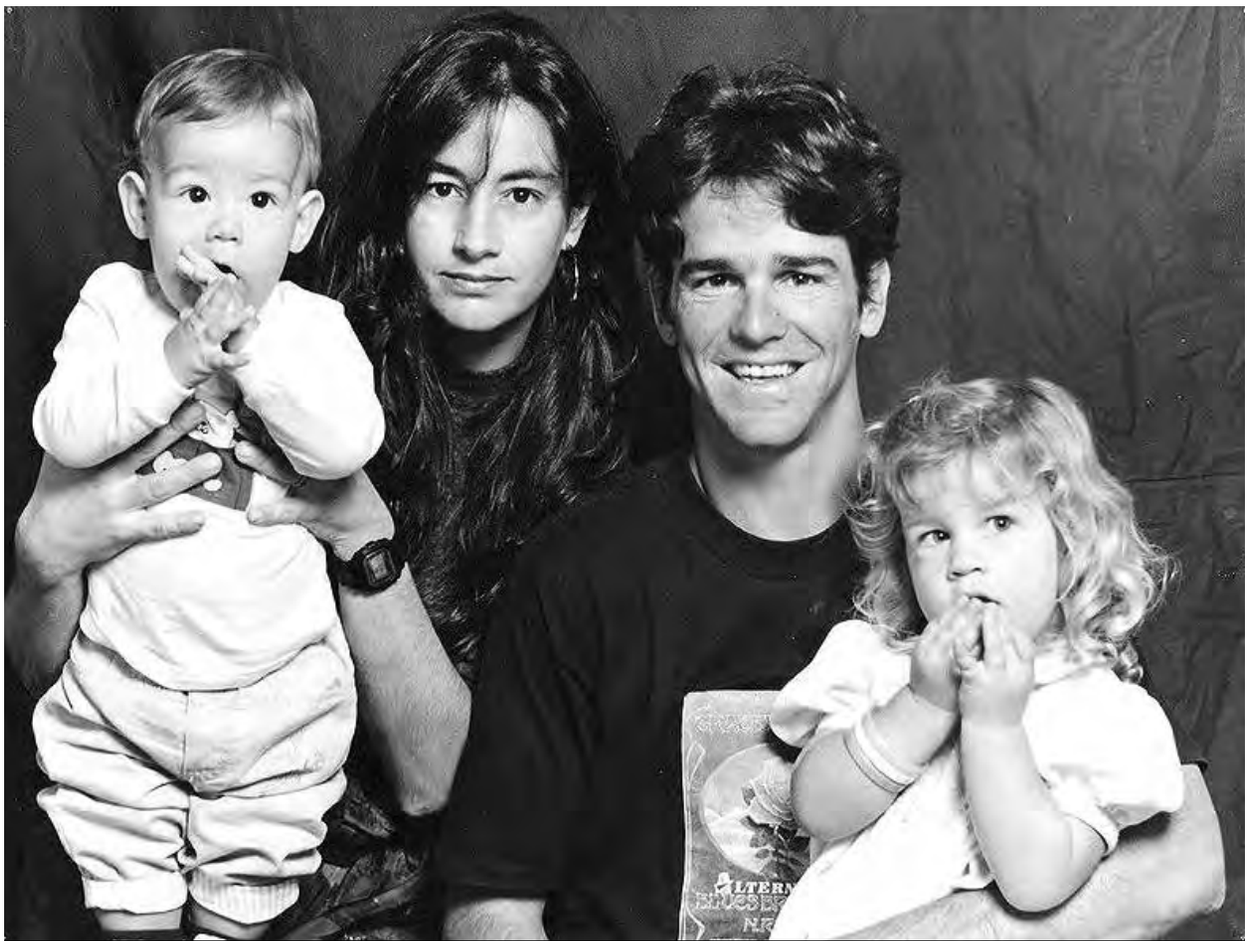
Hoje, o coral é formado por 18 garis (homens e mulheres) e, desde 2001, tem como regente José Carlos de Paulo.

Réquiem para um menino solar

por ILAN BAR

A crista da onda vai se empinando como linha de pipa, e Pepê nada de braçadas para lá de cima, bem sob o cume das águas, cumprimentar o Rio de Janeiro, sua platéia extasiada. São os anos setenta, e um herói menino vira o cavaleiro alado das praias se equilibrando sob sua prancha-alazão. São muitas as histórias deste leãozinho, que, literalmente, saltou do mar para planar graciosamente nos céus de nossa cidade. Santos Dummont que nos perdoe, mas somos mais Pepê, com a sua reinvenção da asa delta.

PEPE



João, Ana Carolina, Pepê e Bianca

Das muitas histórias míticas que transformaram Ipanema em um ícone da cidade, a construção do píer, em 1970, fez com que o trecho da praia entre as ruas Montenegro (atual Vinícius de Moraes) e Farme de Amoedo se tornasse uma lenda. As estacas de madeira que avançavam pelo mar faziam com que as ondas estourassem muito maiores. E, claro, logo os surfistas que pegavam onda no Arpoador, mudaram-se com suas pranchas e cabelos parafinados para lá. Era a segunda geração do esporte que tinha em Arduíno Colasanti um de seus precursores.

A nova turma era formada por Ricardo Bocão, Rico de Souza, Daniel Sabá, Otávio Pacheco e Betão. Até que em 1971, um menino de cabelos

"Nos dias que o mar estava imenso no Píer, Pepê pegava a prancha e entrava direto, sem pestanejar. E eram poucos que se atreviam como ele"

Ricardo Bocão

louros e longos, resolveu descer de seu apartamento, na Montenegro, e aventurar-se pelas ondas num dia, que segundo testemunhas, o mar não estava pra peixe. Era o começo de uma verdadeira *trip* que Pedro Paulo Guise Carneiro Lopes, aliás, o Pepê iniciava ali.

Os surfistas que dominavam a área começaram a observar o talento do garoto . E é um de seus amigos, Ricardo Bocão — um dos primeiros surfistas brasileiros a competir no exterior — que dá a exata ousadia de Pepê. "Nos dias que o mar estava imenso no Píer, ele pegava a prancha e

Pepê, junto com sua mulher, apostou no conceito da culinária japonesa, com alimentos mais leves e saudáveis e inaugurou, em 1986, o Sushi Leblon, primeiro restaurante de culinária japonesa no Rio de Janeiro

Sushi Leblon

"Eu tenho um apartamento ao lado do Sushi Leblon e logo que ele começou a erguer o restaurante, freqüentava muito minha casa. Fazíamos um som e conversávamos bastante. O que nos aproximava era a alegria dele, aquela vontade de viver, de realizar coisas", recorda Fagner

entrava direto, sem pestanejar. E eram poucos que se atreviam como ele".

Mas se aos 14 anos ele brilhava no surf carioca, como um dos melhores de sua geração, poucos anos antes já mostrava sua vocação para os esportes. Aos nove anos insistiu com a família e começou a montar e chegou até a ganhar um cavalo. O investimento foi recompensado, aos 13 anos foi bicampeão carioca de hipismo. A trajetória como cavaleiro deu lugar ao fascínio das ondas que quebravam grande no Arpoador e em Ipanema.

Depois de muitas trips em Saquarema e nas praias cariocas, o caminho, só podia ser o Havaí. E foi lá que ele desembarcou em 1974 com uma mochila, uma prancha e a cara e a coragem que o caracterizaram. O amigo Bocão, que já morava lá há um ano, foi quem lhe deu abrigou. Dessa época, Bocão recorda uma história emblemática. "Depois de duas semanas da chegada de Pepê, comecei a escutar que tinha um garoto novo, o Pepê Lopes, que estava arrepiando em Pipeline. Os outros surfistas achavam que ele era primo ou sobrinho de Gerry Lopez. Até então eu só ouvia o Pepê dizer que estava arrebentando, mas eu creditava boa parte das histórias à sua empolgação. Algumas vezes, vinham me contar do garoto que entubava fundo e nem sabiam que o pequeno fenômeno estava em minha casa e não era parente do rei de Pipeline. O Lopez do Gerry era com "z" . O Lopes de Pepê com "s" de Brasil".

Pepê foi ficando por lá, trabalhando em lojas de surf, até que recebeu um convite para participar do Pipe Masters, um dos campeonatos mais importantes do mundo. Convite feito, convite aceito. Pepê terminou em sexto lugar e foi o único brasileiro a participar de uma final desse campeonato.

Vida que segue, Pepê voltou ao Brasil. Foi estudar Economia e nesse meio tempo o píer já tinha sido desmontado e os surfistas também de-

"Conheci o Pepê na antiga Montenegro e naquela época pegávamos onda de peito antes do surfe e jogávamos pelada na praia. Mas ele era um pé-duro", brinca Evandro Mesquita

bandaram. Os que não voltaram para o Arpoador foram atrás das ondas da Prainha ou do Pepino. Foi essa última que se tornou reduto de Pepê, que acabara de descobrir um novo esporte, o vôo livre.

E nessa modalidade seu desempenho não foi diferente. Em 1981 tornou-se campeão mundial de asa-delta. Seu filho, João Pedro, conta que os avós (seu Danton e dona Vera) sempre disseram que qualquer coisa que o filho fizesse se daria bem. Uma única ressalva faz, no entanto, o amigo Evandro Mesquita. "Ele era bom em tudo, menos jogando futebol, ali ele era um pé-duro", brinca.

Com a maré soprando a seu favor, as idéias eram livres. Resolveu levar sanduíches a base de frango, atum, cenoura, beterraba para a rapaziada que pegava onda ou saltava de asa-delta, pois em São Conrado não havia quase nada. Todo mundo adorou e viu naquela alimentação um complemento ao seu estilo de vida natural. Veio à tona o lado economista. Transformou os lanches num bem-sucedido negócio, a Barraca do Pepê.

As incursões em gastronomia estavam só começando. Em uma de suas viagens descobriu as maravilhas da culinária japonesa e identificou mais uma oportunidade de um bom negócio. Junto com sua mulher, Ana Carolina Gayoso, montaram, em 1986, o Sushi Leblon. Mas se dependesse da opinião dos pais a idéia não teria saído do papel, como conta João Pedro. "Na época que meu pai apresentou a comida aos meus avós eles disseram que nunca tinham comido algo tão sem graça e não entendiam como o filho queria trazer aquela comida para o Rio."

Entre um salto no ar ou uma onda vencida, Pepê encontrou tempo para compor. Desde os 10 anos tinha uma guitarra como companheira

"Cada vez que eu vôo, dou graças a Deus de ser carioca"

e chegou a montar uma banda, a Barão de Itaguaripe. Mais tarde, gravaria um disco, "Feito um cometa", com participação do amigo Raimundo Fagner. O artista conta que sua amizade com Pepê veio da época que ele começou a erguer o restaurante. "Eu tenho um apartamento ali perto do Sushi Leblon e estava sempre lá ou ele vinha a minha casa. O que nos aproximou foi a alegria dele, uma imensa vontade de viver e realizar coisas".

Dez anos depois de ter sido campeão mundial de asa-delta e pai de dois filhos, Bianca e João Pedro, Pepê decidiu tentar o bicampeonato no Japão. Dessa vez, não conseguiu vencer os ventos de Wakayama e morreu em abril de 1991, aos 33 anos. Seu amigo Phil Haegler, que também participava do campeonato já tinha desistido, mas Pepê montou sua estratégia e sentiu-se seguro para realizar a prova.

Paulo Falcão, amigo de infância e que também foi seu instrutor de vôo na Pedra Bonita, diz que ele tinha três qualidades que o levaram a ser campeão: "Era muito focado, saltava sem perder a concentração e era atirado. Atributos essências para vencer no esporte."

Numa de suas entrevistas, Pepê diria "Cada vez que eu vôo, dou graças a Deus de ser carioca." E nós agradecemos a esse carioca da aventura.

O Rio que toca no céu

por Julia Santhiago

Esquina das ruas Primeiro de Março com Sete de Setembro. Por enquanto é outono em nosso esplendor. Mas é nesse cantinho do Rio que reside a esperança de uma primavera deslumbrante da alma carioca. Começamos a contagem regressiva para 2008, quando serão levantados os tapumes que hoje encobrem a jóia histórica e arquitetônica da Igreja de Nossa Senhora do Carmo da Antiga Sé. Deus tem lá suas carioquices.

O restauro da Antiga Sé que será concluído no próximo ano para as comemorações dos 200 anos da chegada da Família Real portuguesa, é uma parceria entre a Sociedade de Amigos da Antiga Sé (Samas), Prefeitura do Rio, Fundação Roberto Marinho e o Patrimônio Histórico e Artístico do Rio de Janeiro. A entrega da igreja, que retornará ao seu cotidiano, será em oito de março com um espetáculo de luzes e som para celebrar a chegada de D. João VI.

Tudo começou em 1997 a partir do trabalho da Samas, quando a professora Dayse Ketzer, que na época ocupava um cargo na Prefeitura decidiu incluir a igreja no roteiro do "Plano Maravilha", que previa a restauração de pontos turísticos culturais da cidade. Dayse resolveu recrutar um grupo de interessados em manter a igreja em sua grandiosidade, tal como havia sido nos tempos de D. João VI. Ela explica que a antiga Sé sofreu um abandono a partir da instalação da República, quando todos os elementos que marcavam o Império foram eliminados. "Como cidadã eu olhava essa igreja e ficava penalizada, eu queria encontrar uma maneira poder ajudar. Além disso, o pároco na época, o Padre José Roberto era arquiteto e decidimos, então, montar um conselho de notáveis que mais tarde se tornou a Samas". Juntaram-se ao grupo ainda outros interessados em manter viva a história como Zoé Chagas Freitas, Maria Gabriela de Orleans e Bragança, Augusto Ivan de Freitas Pinheiro, os Padres Roque e José Roberto, Natércia Rossi, Gilson Araújo Júnior o General Sérgio Morgado.

A partir de uma ação conjunta, conseguiram despertar o interesse da Prefeitura para a importância da manutenção da Igreja de Nossa Senhora

do Carmo e hoje o sonho está próximo de ser realizado. A diretora executiva da Samas, Zoé Chagas Freitas ressalta a importância do grupo para a execução da reforma. "Tudo o que conseguimos se deve a um trabalho de equipe, das nossas reuniões semanais na Universidade Gama Filho resultou esta reforma. Estávamos interessados e encontramos pessoas com o mesmo objetivo."

A história da igreja remonta aos tempos do início da formação da cidade do Rio de Janeiro. Localizada em um dos trechos mais importantes da cidade e local onde o Rio deu seus primeiros passos, o templo sofreu diversas modificações ao longo de sua história. Por volta de 1590, os recém-chegados carmelitas instalaram-se nas antigas habitações dos beneditinos, a Ermida de Nossa Senhora do Ó no caminho que depois viria a se tornar a Rua Direita (atual Primeiro de Março) e a converteram em Capela da Ordem do Carmo. Em 1619, os frades deram início à construção de seu novo convento, num terreno ao lado da capela, com dois andares, cada um com 13 janelas que davam vista para a atual Praça XV de Novembro.

Já em estado precário, a antiga ermida desabou em um dia de festa. Sobre as ruínas, os carmelitas construíram uma nova igreja por volta de 1760. Com a vinda da família Real foi elevada a sede do bispado do Rio de Janeiro e transformada em Capela Real, onde se realizaram todos os rituais monárquicos. A Igreja de Nossa Senhora do Carmo da Antiga Sé presenciou a transformação urbanística da Rua Primeiro de Março e de suas redondezas, como a Praça XV, que teve tantos outros nomes, Várzea, Terreiro do Ó, Terreiro da Polé, Largo do Carmo, Terreiro do Paço, Largo do Paço e Praça D. Pedro II.

A história da igreja remonta aos tempos do início da formação da cidade do Rio de Janeiro. Localizada em um dos trechos mais importantes da cidade e local onde o Rio deu seus primeiros passos, o templo sofreu diversas modificações ao longo de sua história

Capela Real

Em oito de março de 1808, a Corte Portuguesa desembarcava no Porto do Rio de Janeiro, e trazia consigo uma repentina mudança de hábitos, uma necessidade de luxo e conforto até então desconhecidas pela colônia. A remodelação das áreas urbanas, as novas instituições cientificas e culturais indicavam uma redefinição da capital carioca. "O Rio de Janeiro passou a ser capital da monarquia ultramarina e obviamente precisou de uma reestruturação urbana que desse conta de abrigar a corte. Vieram nobres, clérigos e todos os funcionários da burocracia estatal portuguesa. Tivemos quase 1/5 de nova população na cidade", explica o historiador e presidente do Instituto D. Isabel I, Bruno de Cerqueira.

No dia 15 de junho de 1808. D. João elevou a Igreja de Nossa Senhora do Carmo a Capela Real e, posteriormente, a Sé da cidade. O príncipe regente talvez tenha tomado tal decisão para poupar-se da caminhada ou do chacoalhar das carruagens até a então catedral, a Igreja do Rosário, na Rua da Vala, atual Uruguaiana. D. João também mandou construir um passadiço que ligava o Paço ao Convento dos Carmelitas, onde morava D. Maria I e uma outra ligação entre o convento e a igreja. Bruno Cerqueira conta que a Antiga Sé foi cenário de muitos acontecimentos importantes no tempo da monarquia. "O Brasil era uma monarquia católica, o Estado e a Igreja eram unidos. Portanto, a sede na igreja no Brasil era palco dos acontecimentos políticos. Todas as aclamações, coroações e *Te Deum* aconteciam na Sé". Ainda no tempo de D. João VI a capela ganhou um novo sino.

Capela Imperial

Em 1821 a família Real retorna a Portugal e D. Pedro I fica como Príncipe Regente. Nessa fase, ela passa de Real a Imperial e é lá que acontece

a coroação de D. Pedro I. Os casamentos do Imperador com D. Leopoldina e depois com D. Amélia de Leuchtenberg também aconteceram ali. O período abriga mais uma mudança, quando é acrescido um terceiro pavimento na fachada da Capela Imperial. A Sé foi palco, ainda, da aclamação de D. Pedro II, em 1841, aos 14 anos, do casamento de Pedro II com D. Teresa Cristina além do batizado da princesa Isabel e o seu casamento com o Conde D'Eu.

a catedral na república

Proclamada a República, todos os vestígios do Império foram aos poucos sendo eliminados. A praça que em 1870 recebera o nome de D. Pedro II, passaria a se chamar XV de Novembro, e a Antiga Capela Imperial sofreria novas reformas em sua fachada principal, comandada pelo Cardeal D. Joaquim Arcoverde. Em 1º de maio de 1900 foi inaugurada como Catedral Metropolitana.

A demolição da velha torre sineira, em 1905, deu lugar à construção de uma nova torre com 52m de altura com Nossa Senhora da Conceição no topo, como marco do jubileu do Dogma da Imaculada Conceição. Era o adeus ao velho galo que do alto da torre colonial girava, indicando os ventos.

Mais uma reforma, comandada pelo Cardeal Arcoverde, em 1922, foi feita para as comemorações do Centenário da Independência. A fachada

principal foi alterada e num dos seus braços foi construída a Capela do Santíssimo Sacramento, no estilo neoclássico. Em 1930, sob a área da capela foi edificado um mausoléu que abriga os restos mortais do cardeal.

Em 1941, a igreja foi tombada pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e em 1976 foi efetivada a transferência da Sé para a Catedral na Avenida Chile. Palco de diversos acontecimentos históricos, a Antiga Sé passou por transformações que acompanharam os estilos mais influentes de cada época. Suas fachadas contam a história da sua construção com a presença de diversos estilos arquitetônicos e de ornamentação. Em seu conjunto podem ser observados elementos do Rococó, do Barroco, do Neoclássico e do estilo Eclético. No entanto, mesmo tendo passado por várias intervenções ao longo dos séculos, a unidade do Rococó foi mantida.

O trabalho de restauração

O historiador Bruno de Cerqueira cita o também historiador francês Jacques Le Goff, para quem todo monumento é também um documento histórico a ser estudado. "Restaurar uma igreja, um palácio ou qualquer monumento é reviver o passado, é como se aquela história ali presente renascesse para a memória de todos".

O superintendente do Iphan no Rio de Janeiro, Carlos Fernando Andrade antecipa que para as comemorações de 2008 a nave central da

As obras de reforma da Antiga Sé estão sendo feitas de maneira cuidadosa, com a execução de técnicas especializadas que obedecem a rigorosos preceitos e recomendações internacionais

igreja estará totalmente restaurada. "A nossa prioridade era a descupinização. Feito isso, estamos recuperando toda nave central, fazendo o douramento das peças e o trabalho de pesquisa arqueológica". Carlos Fernando ainda nos brinda com uma boa notícia, a de que foi aprovado pela Lei Rouannet de incentivo à cultura o projeto que prevê a captação de recursos para a reforma da capela do Santíssimo Sacramento e do coro de 100 vozes.

As obras de reforma da Antiga Sé estão sendo feitas de maneira cuidadosa, com a execução de técnicas especializadas que obedecem a rigorosos preceitos e recomendações internacionais. De acordo com a Carta do Restauro, documento sobre restauração gerado pelo Ministério de Instrução Pública do Governo da Itália em abril de 1972, a finalidade principal da restauração é manter em funcionamento, facilitar a leitura e transmitir integralmente ao futuro as obras e objetos. Essa é a tônica do trabalho que envolve mais de 200 profissionais entre restauradores, arquitetos, arqueólogos e carpinteiros. As obras de restauro e uma exposição, estão abertas à visitação. Os interessados em conhecer um pouco mais sobre a história da cidade podem agendar uma visita guiada à da Antiga Sé.

Uma surpresa, no entanto, está reservada ao público. Tantas vezes retratada, por pintores como Debret, em tons de vermelho, na época da monarquia, a pintura original das réguas de madeira que revestem o templo eram bege claro, que faziam fundo aos ornamentos dourados. Os vermelhos ficavam por conta dos adornos que a corte usava para cobrir a catedral nos dias de grandes festas.

Tantas vezes retratada, por pintores como Debret, em tons de vermelho, na época da monarquia, a pintura original das réguas de madeira que revestem o templo eram bege claro, que faziam fundo aos ornamentos dourados. Os vermelhos ficavam por conta dos adornos que a corte usava para cobrir a catedral nos dias de grandes festas

a imperatriz infeliz, titília e a doce amélia

por cecília costa junqueira *

Por causa da proximidade dos festejos em torno dos 200 anos da vinda da Corte Portuguesa para o Brasil, acendeu-se em mim a benéfica luz da curiosidade. A vontade de conhecimento. Levando-me, nos últimos meses, a devorar livros a respeito da família real. Como os de Luiz Edmundo, Pedro Calmon, Oliveira Lima, Armitage e Sérgio Corrêa da Costa. Com isso, tenho convivido com pessoas que, por terem como palco e cenário de suas existências o Rio de Janeiro, deveriam ser próximas de nós, como velhos parentes ou antepassados. Envoltas na bruma no passado, são vistas, porém, como distantes fantasmagorias.

Domitila de Castro Canto e Melo

Leopoldina

Maria Amélia

"Fomos ricos, um dia, de reis, princesas, imperadores, viscondes, marquesas, arquiduquesas, duques, condes. Homens e mulheres que andavam a cavalo ou de tílburi, coches, cadeiras de arruar. E que, como nós, tinham sonhos, paixões, cobiças, desesperos"

Apesar de que um dia aqui estiveram, aqui amaram, choraram, escreveram cartas, amealharam fortunas, receberam presentes principescos ou contaram, em meio a lágrimas, dobrões austríacos.

E teceram tramas, enredos, sonharam com glórias, para si e para os filhos. Traíram e foram traídas. Enfim, aqui deixaram seus passos e marcas e se fizeram eternas. Tão estranhos e surpreendentes foram os caminhos folhetinescos de suas vidas. Pois as parcas, ao tecerem os fios dos destinos, podem entremeá-los, darem laços e nós, bordarem flores de cores vidas ou pontos de dor e de cruz, até cortá-los, impiedosamente.

Em 9 de março de 1796, o jovem general corso Napoleão Bonaparte casa-se em Paris com Josefina de Beauharnais, assumindo oficialmente a paternidade de Eugênio e Hortênsia, os dois rebentos do primeiro casamento de sua esposa. No ano seguinte, 1797, na Áustria e no Brasil, nasceriam duas mulheres que, cerca de 30 anos depois, uma já morta e a outra bem viva, viriam a ser sucedidas no passional coração de seu amado, nascido em 1798, por uma neta adotiva de Napoleão, filha de Eugênio, cuja infância transcorrera na Baviera de Ludwig e Sissi. Pois a História é sempre assim, dá voltas e mais voltas, seja em que tempo for.

Um imperador voluntarioso, dado a ataque de nervos — na realidade, epilético — e de índole aventureira; uma imperatriz infeliz, piedosa e ingênua, apesar de poliglota e sábia; uma amante inescrupulosa e ambiciosa, e uma segunda esposa, tão doce, tão jovem, bela como um camafeu. Eis o quadro: um mesmo homem entrelaçado a três mulheres apaixonadas, cujos encontros, desencontros e reencontros, em carne e osso ou espirituais, passaram-se em nosso Rio de Janeiro, entre a palaciana Quinta da Boa Vista, presente do comerciante Elias Lopes a D.João, e um requintado solar de dois andares, ornamentado por Francisco Pedro do Amaral e pelos irmãos Ferrez, hoje Museu do Primeiro Reinado, situado à Avenida Pedro II, número 293.

Estive lá, no Solar da Marquesa, e fiquei a pensar em Domitila, Leopoldina, Amélia e em seu príncipe valente. Rei de quatro coroas, Duque de Bragança, bravo cavaleiro que enfrentou o irmão para pôr uma coroa na cabeça de sua filha mais velha, Maria da Glória. Estive lá e vi as encantadoras paredes, cheias de afrescos e baixo-relevos onde passeiam musas e deuses, a pintura da mosca (abocanhada pela família Francis Hime), a árvore carregada de fruta-pão, as frondosas

mangueiras do jardim, as palmeiras, o laguinho, os nobres salões do casarão assobradado, as cadeiras e as marquesas de Carlota Joaquina, os brasões, as baixelas, os pratos dourados. Subi as escadas e visitei o quarto de cuja janela a Marquesa avistava o palácio de seu amante imperador. Já na fachada, com 18 olhos, estavam as varandas gradeadas, onde provavelmente se debruçavam os visitantes masculinos de Domitila, enchendo de ciúmes Pedro, sempre a postos, em sua Quinta, com seu óculo, para vigiar os movimentos de sua Titília tão mimada e idolatrada. Estive lá e pensei como nós, cariocas, não honramos o nosso passado, não cuidamos dele. Sem cuidar de nossa história e de seus protagonistas, lamentei, estamos também a cuidar pouco de nós mesmos. Maltratamo-nos a não dar valor à memória de nosso país, nossa terra, nosso chão.

Fomos ricos, um dia, de reis, princesas, imperadores, viscondes, marquesas, arquiduquesas, duques, condes. Homens e mulheres que andavam a cavalo ou de tílburi, coches, cadeiras de arruar. E que, como nós, tinham sonhos, paixões, cobiças, desesperos. Sofriam com as picadas de mosquitos, as mordidas de cobras, as quedas de montaria, o calor equatorial. Ou com os dardos envenenados de vassalos bisbilhoteiros, camaristas fofoqueiros, soturnos espiões, diplomatas maledicentes, funcionários arrivistas.

E pensei também nas grandes festas, nos salões apinhados de cortesões, nos diademas, tiaras, camélias, nas turmalinas e rubis a brilharem nos decotes a Diretório, nos saraus que varavam as madrugadas. Os rostos suados. Os penteados e as perucas, os pés que valsavam, rodopiavam. Ouvi os risos, os cochichos. Ali, em São Cristóvão, onde morou D.João VI, seus fiéis Lobatos, Pedro ainda rapazinho e seus irmãos, entre eles o arqui-rival Dom Miguel, Leopoldina, Domitila, a filharada de ambas, e depois Amélia de Leuchtenberg, uma Beauharnais.

Meu coração ficou confrangido ao imaginar novamente as dores profundas de Leopoldina, sua solidão. Ouvir seus lamentos, suspiros. Nove anos de Brasil, seis partos dolorosos, três abortos. Quanta decepção, quanto amor desperdiçado! No mesmo ano em que Leopoldina, a jovem que nascera em Schönbrunn, casava-se com seu Adônis português, ou seja, em 1817, Domitila de Castro Canto e Melo enviava a D.João VI uma petição solicitando que o então rei de Portugal a protegesse de seu marido violento, garantindo uma pensão alimentícia para seus três filhos, após a separação. Em 1822, as duas novamente se reencontrariam nos lençóis ou rios turbulentos da história. Na ocasião, Leopoldina incentivaria seu querido e infiel maridinho a declarar a Independência, enviando-lhe uma carta, que o alcançaria às margens do Ipiranga, assim como a missiva de José Bonifácio. E a futura Marquesa de Santos participaria dos festejos libertários, capturando a volúvel atenção do jovem príncipe, às portas de se tornar imperador, por sua sensualidade morena, o peito farto, a franqueza das palavras e artes de Vênus.

"Estive lá, no Solar da Marquesa, e fiquei a pensar em Domitila, Leopoldina, Amélia e em seu príncipe valente. Rei de quatro coroas, Duque de Bragança, bravo cavaleiro que enfrentou o irmão para pôr uma coroa na cabeça de sua filha mais velha, Maria da Glória"

Todos nós sabemos o que depois aconteceu. A morena luso-brasileira (seu pai nascera nos Açores) viria para o Rio, moraria primeiro no Estácio e depois ganharia um solar bem em frente à Quinta da Boa Vista, onde residia a imperatriz. E, para desespero de Leopoldina, se transformaria numa nova Pompadour ou Jeanne Poisson, com direito a freqüentar a corte, dar filhos ao imperador, ganhar títulos nobiliárquicos, para si e para os irmãos, e ser alçada a primeira-dama de companhia da vulnerável soberana. Mesmo assim, pouco antes de morrer, Leopoldina diria, numa epístola enviada a sua irmã Maria Luiza — segunda esposa de Napolão, pelas artes e artimanhas de Metternich — que não desejava vingança. Queria apenas que olhassem por seus filhos.

Morta a aviltada Leopoldina, em 1826, com exceção de Pedro, o mais jovenzinho, que um dia viria a ser aclamado Pedro II, seus filhos receberiam os cuidados de Amélia, a ninfeta bávara, que se casaria posteriormente com o viúvo trintão inconsolável, facilmente consolável ao receber o toque de fada das mãos de uma mocinha tão delicada. O que não deixou de ser uma vingança, porque Domitila queria o lugar vago de imperatriz. Mas, não muito diplomaticamente, seria obrigada por seu próprio senhor e amante, antes tão generoso e dedicado, a voltar para São Paulo, já

"...solar que foi da trigueira Marquesa, da diáfana Amélia e de Maria da Glória, a futura Maria II. A história não é passado, é o presente, já que a cada dia que passa nós mesmos viramos história. Vento. Pó"

que as desfeitas que impusera à filha de Francisco I haviam horrorizado as cortes européias. Fora uma Pompadour, mas não seria uma Maintenon. Não se casaria com seu rei. Seu Demonão ou Fogo Foguinho. Foi-se o poder, mas ficaram os anéis. Seria rica, muito rica, até morrer. A ponto de poder doar dinheiro, asilos e cemitérios aos necessitados, sendo, ao falecer, aos 70 anos, venerada como santa pelos desvalidos.

Ah, como o mundo dá reviravoltas loucas no parafuso. Como as divindades brincam de roda-moinhos, soprando ventos sobre os corpos e as almas, fazendo-os dançar o minueto do amor e da morte. Tudo isso ali, pertinho, na Quinta, tão abandonada, quase que uma ruína, com a fachada descascada e seus amplos jardins sedentos de água. Logo ali, no assoalho cheio de arabescos do solar necessitado de uma boa reforma e caridosa pintura, que o livre das pichações. O solar que foi da trigueira Marquesa, da diáfana Amélia e de Maria da Glória, a futura Maria II. A história não é passado, é o presente, já que a cada dia que passa nós mesmos viramos história. Vento. Pó.

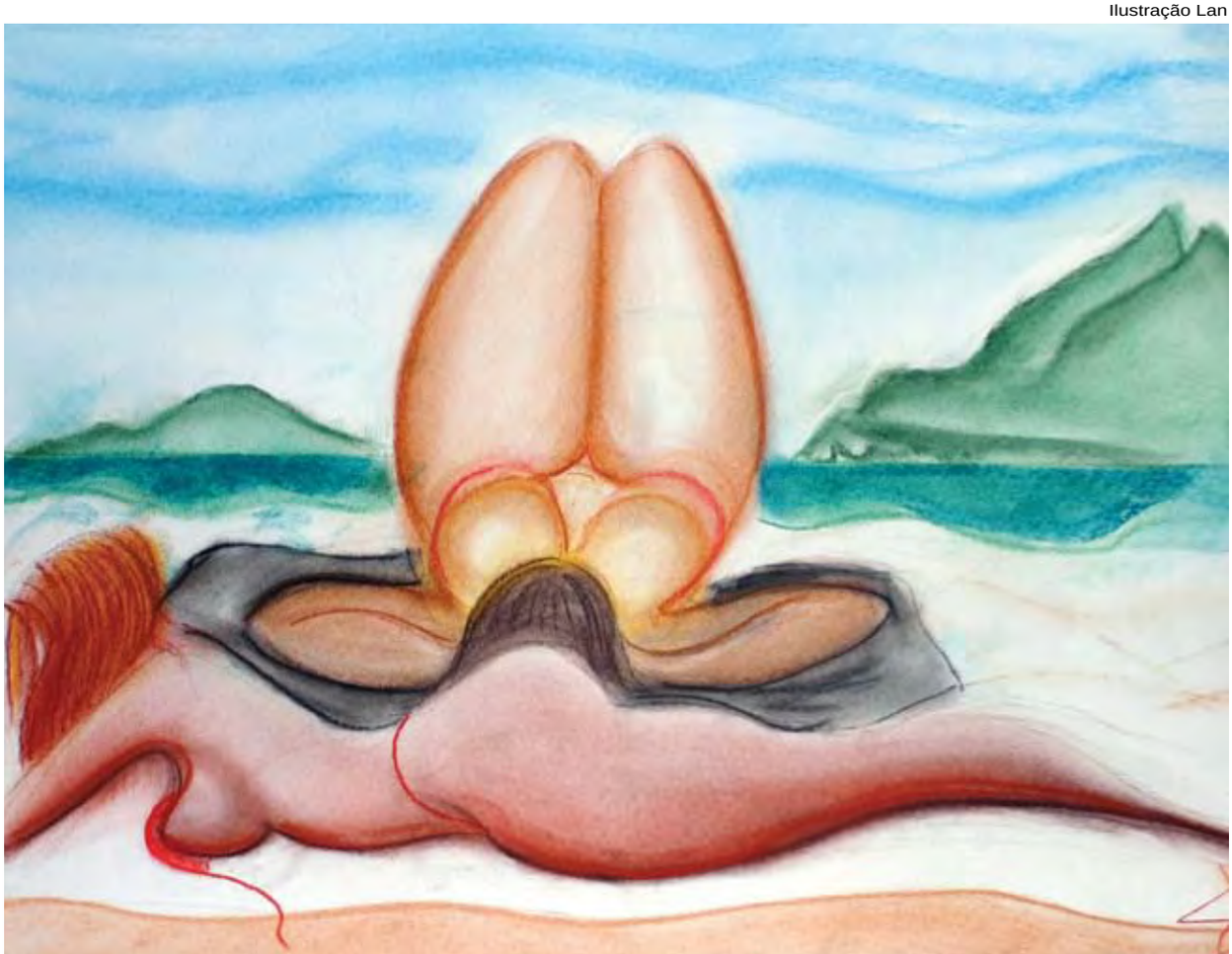
* **Cecilia Costa Junqueira é jornalista e escritora**

Canto de uma cidade fêmea e suas paisagens curvilíneas

por Paulo Roberto Pereira *

Quando se faz a crônica da cidade do Rio de Janeiro, com sua paisagem privilegiada e o modo irreverente de ser carioca, procura-se com que identificá-la. Talvez a primeira imagem que se associa ao Rio seja a mulher carioca. Embora, não esqueçamos, o patrono da cidade seja um homem santo, Sebastião; e quem recebe o visitante de braços abertos é o próprio Cristo Redentor, agora alçado à condição de uma das sete maravilhas do mundo.

Ilustração Lan



A mulher carioca, famosa por sua beleza, sempre foi associada ao Rio. Talvez porque a beleza natural e arquitetônica da cidade lembre uma mulher. Tanto a associação não está longe da verdade que o escritor Álvaro Moreyra, no seu livro de crônicas, chamou o Rio de A cidade mulher. Vinicius de Moraes, no poema "Ruas-mulheres", também exalta o lado feminino da cidade: "Poeta/ Qual o nome mais amado/ Das ruas que conheceu?/ Eu, tanto tempo passado/ Ó minha Joana Angélica/ Iria dizer o teu." E o arquiteto Oscar Niemeyer, um carioca típico, afirmou, mais de uma vez, que 'as soluções belas, inesperadas e harmoniosas' de sua arquitetura têm a mulher carioca como inspiração.

Nas ilustrações que realizou para obras literárias, Carlos Leão valorizou a beleza e a sensualidade da mulher carioca. No entanto, há um tipo específico de mulher carioca — a mulata — que foi eternizada pelo pincel do mais carioca dos pintores brasileiros — Di Cavalcanti — e pela charge do mais carioca dos caricaturistas estrangeiros — Lan. Isso confirma não ser obra do acaso o jornal carioca de humor O Pasquim ter escolhido como seu símbolo as curvas sinuosas do morro do Pão de Açúcar transformado em corpo de mulher.

O Rio de Janeiro produziu uma literatura que moldou a carioca como modelo feminino da própria mulher brasileira. O primeiro escritor que deixou um retrato dessa carioca foi Joaquim Manuel de Macedo, no romance "A Moreninha", publicado pela primeira vez em 1844, tendo como cenário da paixão amorosa a ilha de Paquetá, localizada na Baía de Guanabara. No entanto, José de Alencar, seu contemporâneo, traçou um perfil da mulher carioca oposto ao da mulher idealizada por Macedo. Em Alencar, a figura feminina carioca é constituída de mulheres dominadoras, que se preocupam com a moda, o corpo, o dinheiro, como acontece com Lúcia, em Lucíola, e Aurélia, em Senhora.

Já Machado de Assis, que sucedeu a Alencar na construção do perfil da mulher carioca, revela, através de suas personagens femininas, as transformações sociais do Rio no Segundo Império. E da sua vasta galeria de mulheres certamente a mais célebre é a carioquíssima Capitu, do romance "D. Casmurro", que possuía "olhos de cigana oblíqua e dissimulada".

Deve-se ressaltar que essas fortes personagens femininas da narrativa carioca ajudam a compor uma visão das mudanças que ocorreram no cotidiano da cidade, tendo a mulher como centro das transformações. Um bom exemplo do papel desempenhado pela mulher na novelística carioca é a personagem Leniza, figura central do romance "A Estrela Sobe" (1939), de Marques Rebelo, modelo de coragem e determinação feminina na sua emblemática ascensão social, até se tornar cantora de rádio. E o olhar feminino do Rio de Janeiro não ficaria completo sem os saborosos textos de Sérgio Porto, que ficou famoso com suas crônicas eivadas de humor ferino sob o pseudônimo de Stanislaw Ponte Preta. Sérgio Porto demonstrou ser um verdadeiro perito na mulher da sua cidade com as seis narrativas de As Cariocas (1967), em que as vemos transitar

Ilustração Di Cavalcanti

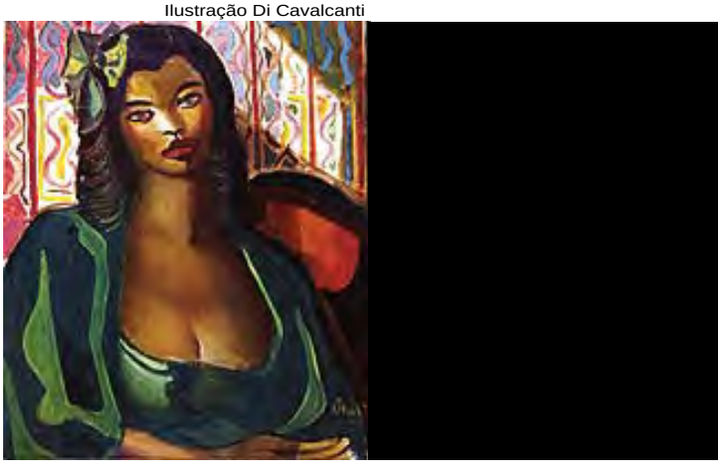


Ilustração Di Cavalcanti

pelos bairros do Rio com estripulia e sensualidade, deixando uma imagem bem-humorada do nosso espírito cosmopolita.

Já a mulher carioca descrita na poesia modernista de escritores como Manuel Bandeira, Vinicius de Moraes e Carlos Drummond de Andrade aparece aureolada de erotismo e beleza. Um bom exemplo é o poema São Sebastião e pecadores do Rio de Janeiro, de Drummond: "A sensualidade esvoaçante/ em caminhos de sombra e ao dia claro/ de colinas e angras/ no ar tropical infunde a essência/ de redondas volúpias repartidas./ Em torno de mulher/ o sistema de gestos e de vozes/ vai-se tecendo. E vai-se definindo/ a alma do Rio: vê mulher em tudo./ Na curva dos jardins, no talhe esbelto/ do coqueiro, na torre circular,/ no perfil do morro e no fluir da água,/ mulher mulher mulher mulher mulher."

O fascínio que o Rio de Janeiro exerce sobre quem chega à cidade começa com a trindade mágica do futebol, do carnaval e do samba. O futebol lembra o majestoso Estádio do Maracanã; o carnaval, com seu desfile operístico das escolas de samba na passarela do Sambódromo, resgata a auto-estima do povo desta cidade no momento em que irmana todas as classes sociais; e o samba lembra o balanço sensual da Garota de Ipanema e da mulata com o seu gingado nas noites da Lapa boêmia. E como o samba traduz a alma carioca é que o musicólogo Ricardo Cravo Albin escreveu a melhor radiografia que funde mulher e música com o seu "MPB-MULHER", livro precioso que, pelas fotos de Mário Luiz Thompson, apresenta um retrato da presença feminina na MPB, desde quando Chiquinha Gonzaga nos finais do século XIX abriu as portas para o papel de destaque da mulher brasileira no nosso cancioneiro popular.

A união entre o homem, o mar e a floresta torna o Rio uma cidade eminentemente solar. Essa singularidade é confirmada pelo próprio espírito do carioca que passa a maior parte do seu tempo fora de casa, num ambiente em que o sol é onipresente. E a beleza tão exaltada do Rio fez com que o escritor Coelho Neto a chamasse de "Cidade Maravilhosa", no livro que publicou em 1928. E o nome de tal modo se integrou no espírito carioca que no carnaval de 1935 o grande sucesso foi a marcha carnavalesca "Cidade Maravilhosa", do músico André Filho, que se tornou o hino da cidade. A fama das suas praias, o prestígio de seus bares, onde a "conversa fiada" e o "papo furado" não têm fim, confirmam ser o Rio uma cidade em que o clima de cordialidade é o grande estímulo para se apreciar a beleza da paisagem, da mulher e da música. Por isso que se diz, com alguma razão, que a natureza exagerou neste recanto da América do Sul, dando foro de verdade ao dito popular de que "Deus criou o mundo em sete dias. Mas destes sete só no Rio consumiu dois."

*** Paulo Roberto Pereira coordena, atualmente, para a Martins Editora, a "Coleção Bicentenário: D. João VI no Brasil" e está lançando o livro *As comédias de Antônio José, o Judeu*.**

NEGÓCIOS & FINANÇAS

RelatórioReservado

A NEWSLETTER MAIS INFLUENTE DO BRASIL

TÃO VALIOSO QUE DEVERIA SER IMPRESSO EM PAPEL-MOEDA

ASSINE

www.relatorioreservado.com.br

atendimento@relatorioreservado.com.br

Tel: (21) 2509-5399 - ramal 238

Fax: (21) 2526-7041

EDITADO POR INSIGHT

Meu querido Rio

José Luiz Alquéres
Diretor-Presidente da Light

O título exprime uma forma muito comum de quem ama o Rio se referir a ele. O "meu" no caso significa a minha visão do Rio, a minha leitura da sua paisagem, as sensações que ele desperta em mim e também o meu sentido possessivo. Algo como sendo o Rio de muitos e talvez de todos seja ao mesmo tempo diferente e peculiar para cada um. Que há coisas dele que só eu apreendo, só o meu espírito é sensível ou só a minha alma canta quando eu o vejo.

O Rio da minha infância, de Copacabana de casas, de prédios em construção (com direito a placas nos tapumes pedindo empregados, cartazes do "Aqui há Otis" e sanfoninha dos paus-de-araras que dormiam nas obras), da praia de domingo à tarde frequentada apenas por empregadas domésticas e da pelada que jogávamos com os serventes de obra, do barulho interminável das serras circulares das construções, é também o Rio de ir ao dentista e médico no Centro da cidade, do torneio início no Maracanã, das certinhas do Lalau e do Palácio do Catete, na época nada tendo de museu. E, sobre este Rio que não morre na memória, vão se acumulando, em camadas temporais, vários outros Rios que com ele convivem. Vez por outra um personagem de época pleistocênicas emerge para o Rio atual e volta a dar o ar da sua graça provando que as pessoas são imortais. O Rio é sobretudo atemporal e tudo isso é uma sensação embalada pela música de cada tempo. Cada canção nos transporta para um outro mundo.

Se vamos aos antigos cronistas, e Luiz Edmundo — talvez o maior — com o seu Rio dos vice-reis, da corte de D. João VI e da *belle-époque* —, Joaquim Manuel de Macedo, Machado de Assis, o grande Lima Barreto, descobrimos que tudo já estava lá, ou melhor sempre lá esteve. Nas modinhas e músicas também, tanto no hino "Cidade Maravilhosa cheia de encantos mil", quanto na batida dos bailes funk ao som do "Endereço dos Bailes": "No Rio tem/mulata e futebol/ samba, cerveja gelada/muita praia e muito sol/tem muito samba/Fla-Flu nu Maracanã/mas tambem tem baile funk/rolando até dimanhã..."

Esse Rio, chegamos a temer pela sua sobrevivência. Andávamos amargurados. Cada paralelepípedo desta cidade, também de asfalto, terra e crateras chegou a se arrepiar. Mas as coisas estão melhorando. Qual no sururu na gafieira, o pistão toca na surdina e bota as coisas no lugar. O governador, filho de sábio e músico — requisito essencial do CV — sabe cantar todas as músicas do Sassaricando e dá o tom deste grande baile popular da vitória da esperança, da confiança — no futuro, enfrentando, de peito aberto, as dificuldades para que voltemos a encontrar o nosso destino.

No comando da Light há um ano, desta empresa cuja energia chega — na lei ou na marra — em cada lar carioca, um lema nos guia na fase atual, na grande mensagem da nossa administração: "O Rio é Light."

Renault e SulAmérica.

Porque quando o assunto é seguro, 110 anos de história garantem um lugar no pódio.

Faça como a Renault: escolha as soluções em seguro, saúde, previdência ou investimentos da SulAmérica.

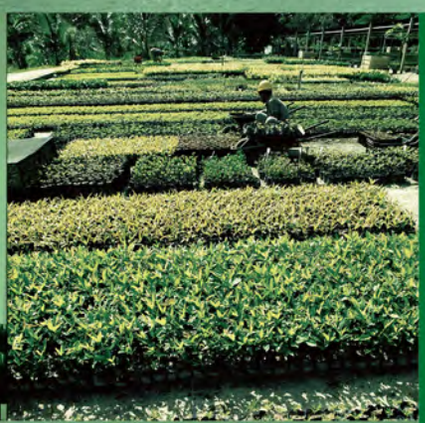
A Renault sabe que para chegar na frente é preciso um seguro tão ágil quanto os carros de corrida. É por isso que escolheu a SulAmérica, que tem tudo para oferecer a proteção financeira e a tranqüilidade que toda empresa precisa. E não foi só a Renault. As maiores e mais importantes empresas do mundo são clientes SulAmérica. Acesse sulamerica.com.br e conheça todos os motivos para escolher a SulAmérica. E saiba por que as melhores empresas mundiais já tomaram esta decisão. Consulte seu corretor de seguros.

SulAmérica

associada ao ING

É POSSÍVEL UMA MINERADORA BRASILEIRA UTILIZAR SUA TECNOLOGIA A SERVIÇO DA PRESERVAÇÃO AMBIENTAL?

SIM, É POSSÍVEL.



A Vale acredita no desenvolvimento sustentável do País, por isso não pára de desenvolver tecnologias para soluções ambientais. A Vale aproveita quase toda a água que utiliza em seus processos produtivos, usa biodiesel como parte do combustível de suas locomotivas e tem o maior viveiro nacional de reprodução de mudas de espécies tropicais. Além disso, desenvolve e implanta inúmeros projetos de recuperação e reflorestamento e preserva mais de 1 milhão de hectares de Mata Atlântica, Floresta Amazônica e cerrado. Para a Vale, tão importante quanto ser uma grande empresa é ajudar a preservar a biodiversidade do planeta.

www.cvrd.com.br

Companhia Vale do Rio Doce